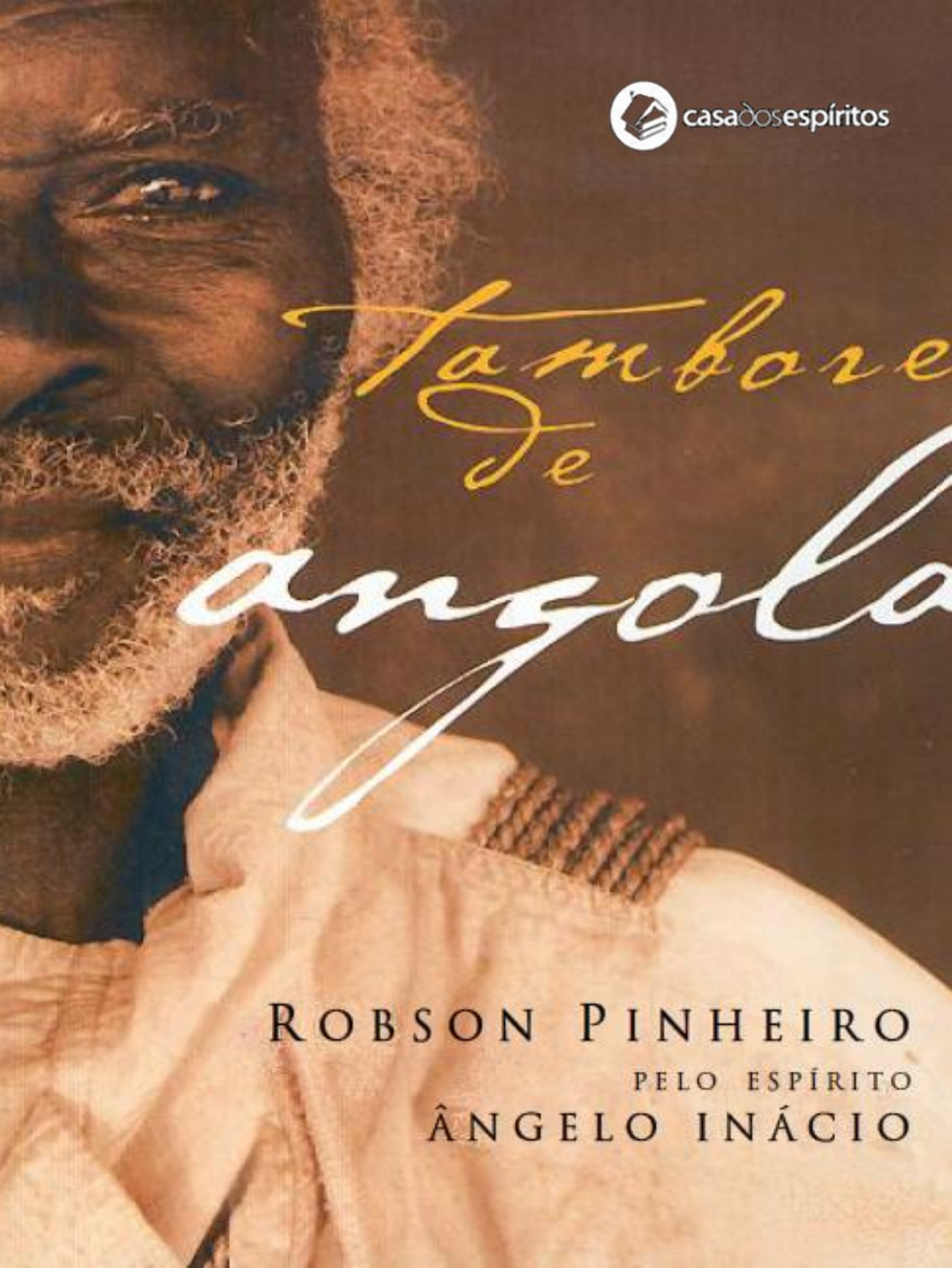
casadosespíritos
Tambores de angola
ROBSON PINHEIRO
PELO ESPÍRITO
ÂNGELO INÁCIO

TAMBORES DE ANGOLA

Ditado pelo Espírito:
Ângelo Inácio

Psicografado por:
Robson Pinheiro

Publicação original em 1998:
Casa dos Espíritos Editora
www.casadosespiritos.com.br

Versão digitalizada em © 2011
Brasil

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

Robson Pinheiro

Pelo Espírito:

Ângelo Inácio

Sumário

Tambores de Angola – **pág. 5**

Robson Pinheiro Santos – **pág. 6**

Repórter do Além (por Ângelo Inácio) – **pág. 8**

Prefácio (por Pai João) – **pág. 10**

1. Fascinação – **pág. 11**
2. Mãe Odete – **pág. 16**
3. Um recurso diferente – **pág. 18**
4. O reduto das trevas – **pág. 23**
5. Primeiros contatos – **pág. 31**
6. Desdobramento – **pág. 45**
7. Os guardiões e os caboclos – **pág. 49**
8. A origem da Umbanda – **pág. 56**
9. Apontamentos – **pág. 62**
10. Libertando-se do jugo – **pág. 64**
11. Tambores de Angola – **pág. 68**
12. Novos tempos – **pág. 74**
13. Reencontro com o passado – **pág. 80**
14. As estrelas de Aruanda – **pág. 85**
15. Dança das luzes – **pág. 89**

Tambores de Angola

A Umbanda Está entre as manifestações mais cercadas de preconceitos. Desconhecida pela grande maioria da sociedade — ou mal compreendida —, é alvo de avaliações injustas e até grosseiras.

Por isso, esta é uma obra muito especial.

Expondo de forma simples as origens da umbanda, a natureza de suas manifestações, os mitos que cercam os exus, pretos velhos e caboclos e a verdade sobre essas personalidades veneráveis, certamente colaborará para que essa bela expressão de religiosidade seja respeitada, admirada e amada.

Contribuirá, da mesma forma, para que se compreendam as diferenças entre Espiritismo e umbanda e entre esta e outras religiões que utilizam a mediunidade, uma vez que o desconhecimento dos homens tratou de confundi-las e de considerá-las como uma só coisa.

Contando a história de Erasmino, portador de graves desequilíbrios não resolvidos pela ciência oficial, cuja mãe decide buscar auxilio na umbanda, tambores de angola traz-nos interessantes fatos a cerca de nossos irmãos trabalhadores umbandistas, deste e do outro lado da vida.

Você vai encantar-se com este envolvente relato do Espírito Ângelo Inácio, vai compreender e aprender a amar essa filosofia de amor, carinho e sabedoria.

Boa Leitura

Casa dos Espíritos Editora

Robson Pinheiro Santos

NASCEU em Ataleia, Minas Gerais, em 15/06/61, e viveu na região do Vale do Rio Doce, onde teve suas primeiras experiências na área da mediunidade, quando ainda adolescente. De formação evangélica, conheceu a Doutrina Espírita por orientação de companheiros espirituais e integrou-se ao movimento espírita na cidade de Ipatinga, no Grupo Espírita da Caridade, em 1978.

Mais tarde transferiu residência para Belo Horizonte, onde contribuiu para formação de várias casas espíritas da região metropolitana, sendo hoje participante da Sociedade Espírita Everilda Batista, que ajudou a fundar e onde desenvolve suas atividades mediúnicas e sociais. Fundou também a Casa dos Espíritos, órgão independente de divulgação doutrinária e o Núcleo de Expansão da Consciência, responsável pela divulgação do Espiritismo através de cursos, seminários, vídeos, jornais, livros, revistas e peças teatrais.

"Para bem conhecer uma coisa é preciso tudo ver, tudo aprofundar, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e os contras".

Allan Kardec
Revista Espírita Setembro de 1866

Repórter do Além

Por: **ÂNGELO INÁCIO**

VOLTO à ativa novamente. Bem, não me tenho dado ao luxo de ficar na inércia deste lado de cá. Aqui, igualmente, as notícias fazem ibope. Porém, a temática é outra, que não aquela costumeira da velha e saudosa Terra.

Os outros defuntos que compartilham comigo dessa ventura quase nirvânica de viver deste lado do véu fazem também a sua notícia. Hoje, porém, tentarei fazer de assuntos um pouco diferentes daqueles aos quais emprestava a minha pena quando metido nos labirintos da carne.

Como vê, meu caro, se abandonei aí o paletó e a gravata de músculos e nervos, conservei, no entanto, o jeito próprio do escritor e repórter, agora, porém, radicado no outro mundo, como dizia quando estava aí.

O bom agora é que não me sinto mais obrigado a escrever àqueles velhacos de colarinho engomado, que nos julgam pela forma ou gramática, de acordo com os ditames das velhas academias da Terra. Igualmente, não tenho a obrigação, deste lado do túmulo, de me ater aos rigores das convenções dos escritores Terrenos. Estou mais solto, mais leve e mais fiel aos fatos observados.

Embora conserve o domínio de mim mesmo, a minha distinta e preciosa individualidade de morto-vivo metido a escritor e repórter do além, resolvi, por bem daqueles que talvez me guardem na memória, adotar um pseudônimo para falar aos amigos que ficaram do outro lado do Rio da Vida.

Assim sendo, meu caríssimo, enquanto me empresta sua mão para grafar meus pensamentos, que, desafiando todas as expectativas de meus antigos colegas de profissão, teimam em continuar constantes, sem haver sido interrompido pela morte ou lançando as chamas do inferno, empresto-lhe

igualmente as minhas pobres experiências, compartilhando com você um pouco das histórias que almejo levar aos correios dos defuntos e dos que se julgam vivos.

Creio que são proveitosos para ambos, os momentos em que estaremos juntos. No mínimo, sentirei mais de perto o calor das humanas vidas, enquanto você experimentará mais intensamente a presença de um fantasma metido a repórter e comentarista do Além-túmulo.

Despeço-me, para em breve retomar. Com o carinho de um amigo.

Ângelo Inácio

Prefácio

Por: **PAI JOÃO**

PARA o bem não há fronteiras...

Num mundo onde a ignorância e o sofrimento abrem chagas no coração Humano, o chamado da Espiritualidade ecoa em nós de forma a rasgar o véu do preconceito Espiritual.

A Seara, de extensão condizente com as nossas necessidades de evolução, espera corações fortalecidos no propósito de servir sem distinções.

A Humanidade desencarnada, despida de dogmas e limitações, abre-se em realização plena em favor daqueles ainda presos a conceitos inibidores da alma.

Pretos-velhos, doutores, caboclos, pintores, filósofos, cientistas e uma gama infinita de companheiros, chegam a nós demonstrando a necessidade urgente de fazer algo, movimentando em nós mesmos, em favor do próximo, os recursos que promovam a libertação das criaturas.

Ao abrir as páginas desta obra encontrará corações simples, anônimos, porém envoltos pela força da Fé no Criador e sinceridade no coração, em fazer o bem pelo bem.

Pai João

Mensagem recebida pelo médium **Marcos O. Leão**,
da Sociedade Espírita Everilda Batista, em 25 de fevereiro de 1998.

1

Fascinação

ABRIL de 1983. O sol se assemelhava a um deus guerreiro, lançando suas chamas que aqueciam as moradas dos mortais, como dardos flamejantes que ameaçavam a vida dos homens. Fazia intenso calor naquele dia, quando o senhor Erasmino se dirigia para o seu escritório na Avenida Paulista, que, neste momento, regurgitava de gente, com seu trânsito infernal, desafiando a paciência daqueles que se julgavam possuidores de tal virtude.

Desde muito cedo sentira estranhas sensações que não sabia definir, embora houvesse gastado seu precioso fosfato na tentativa inútil de encontrar explicação para o sentimento esquisito, para as impressões que tentavam dominá-lo. Nunca se sentira dessa forma e confessava a si mesmo que algo o incomodava sobremaneira.

Quando a sua mãe o aconselhou a rezar antes de sair, acabou ignorando-a, pois a velha, acostumada com certas posturas místicas, não fazia lá o seu gênero. A pobre mãe tentara de todas as formas convencer o filho desnaturado a se deter um pouco para conversar, para trocarem algumas impressões. Ele se recusou terminantemente, alegando a escassez de tempo, em vista das atividades profissionais.

A cabeça parecia rodopiar com a sensação de tontura que o dominava aos poucos. Eram impressões novas, diferentes daquelas consideradas normais até então. Parecia pressentir vultos em tomo de si, mas, não conseguindo precisar exatamente o que acontecia, tentou mudar de pensamento, em vão. Começou a suspeitar que estava ficando louco ou, pelo menos, sofrendo de algum problema neurológico, tais os sintomas que detectava em si.

Já fazia algum tempo que não conseguia dormir direito, parecia

acometido de pesadelos e passava noites acordado, sendo obrigado, pela manhã, a tomar algum medicamento, para conseguir trabalhar direito.

Sintomas de melancolia aliados à depressão sucediam-se ou completavam-se para estabelecer o clima psíquico adequado para a sintonia com mentes desequilibradas. Erasmino foi-se desgastando psicologicamente pelo incômodo que sofria. Procurou médicos e psicólogos, gastando muito dinheiro em tentativas que se provaram inúteis em seu caso particular.

Aos poucos foi-se achando perseguido pelos colegas de trabalho. Em todos via adversários gratuitos que, segundo suas suspeitas, o espreitavam para tentar de alguma forma e por motivo ignorado se livrar dele, tomar o seu lugar no emprego ou interferir em sua vida.

A psicose foi a tal ponto que mesmo em relação aos familiares pensou sofrer perseguição. Não adiantavam os conselhos da mãe, e as sessões com o psicólogo já haviam terminado, sem se obter algum resultado mais definido.

Seguindo o conselho de "amigos", começou a frequentar lugares de suspeita moral, entediando-se com as aventuras sexuais, que, de pronto, tomaram sua vida um tormento ainda maior. Foi justamente a partir de tais aventuras que a problemática começou a piorar.

— Erasmino! Erasmino!

Eram sussurros. A princípio distantes e depois mais constantes, em casa, no trabalho ou nas tentativas de diversão.

À noite parecia ouvir vozes que chamavam pelo seu nome. O desespero aumentou quando, determinado dia, ao levantar-se, deparou com um vulto de homem prostrado à entrada de seu quarto. A visão se apresentava aos seus olhos estupefatos como sendo de um senhor idoso, todo envolto em roupas esfarrapadas e apresentando os dentes podres, em estranho sorriso emoldurando o rosto. Percebeu ainda, antes de desmaiar, o mau cheiro que exalava da estranha aparição, causando-lhe intenso mal-estar.

Entre imagens de pesadelo e da realidade, pôde perceber-se em ambiente diferente de onde se encontrava o seu corpo físico. Parecia algo familiar. Não era tão desagradável na aparência, aquele lugar. As impressões estranhas que sentia vinham de algo que pairava no ambiente, talvez da atmosfera local.

Em meio a vapores que envolviam sua mente, quem sabe do próprio lugar onde se encontrava, percebeu estranha conversa. Sentado em uma

cadeira de espaldar alto, um espírito estava de conversa com alguém que lhe parecia de certa forma familiar:

— Nós o queremos exatamente como se encontra. Sua mente está confusa e não acredita muito em nossa existência. Aos poucos vamos minando-lhe as resistências psicológicas, e o caos estabelecer-se-á.

Gargalhadas foram ouvidas naquela situação e paisagem mental em que se envolvera. Tal pesadelo parecia não ter fim, quando se sentiu atraído ao corpo pelos gritos de alguém.

Quando acordou, secundado pelos familiares aflitos, resolveu contar todo o tormento que vivia há alguns meses.

— Procurei médicos, psicólogos e até já fiz uso de alguns medicamentos, mas tudo foi em vão, nada surtiu efeito. Acredito que esteja ficando louco, ou alguma coisa semelhante...

— Que é isso, meu filho? — Falou a mãe que tudo ouvia, desconfiada.

— Parece até caso de mediunidade — aventurou a irmã.

Erasmino levantou-se furioso com as duas, pois não admitia a hipótese de alguma interferência espiritual, a tudo julgando como produto de sua própria mente.

Por mais que procurasse a causa dos males que o acometiam, não conseguia uma explicação lógica, racional.

Os dias se passaram, e o clima era de intranquilidade entre os familiares, devido à atitude de Erasmino para com sua irmã. A tensão se estabelecera, em razão das dificuldades em solucionar o caso, que a cada dia parecia mais e mais complicado.

Novamente estava em casa, desta vez preparando-se para sair com alguns amigos, quando, ao entrar na sala, estranho mal-estar o dominou. Parou entre os umbrais da porta. Os amigos, que naquela ocasião já sabiam o que vinha ocorrendo, ampararam-no, conduzindo-o para o sofá, providenciando uma bebida para que ingerisse, tentando amenizar a situação.

O efeito da bebida foi como uma bomba. Imediatamente tudo girou à sua volta, e um torpor o invadiu de imediato, levando-o quase à inconsciência. Começou a gaguejar, não conseguindo coordenar as ideias que lhe afluíam à cabeça. Num misto de pavor e desespero, por desconhecer o que se passava com ele, tentava impedir que sua boca emitisse palavras que já não dominava mais. O transe estabelecido, ouviu sair de sua própria boca, com entonação

diferente da que lhe era própria, as palavras nem tanto corteses:

— Miseráveis, miseráveis!!! — falava com estranha voz — Eu o destruirei, eu farei com que repare o mal que me causou — continuava falando, transtornando a todos, que ouviam estarrecidos a voz diferente que saía de sua boca.

— São todos covardes, têm medo de mim; não sabem o que pretendo nem quem eu sou? — continuou a falar a voz que fazia uso de suas cordas vocais, causando o desespero da família e dos amigos, que tentavam em vão chamá-lo pelo nome, pretendendo acordá-lo do transe, sem ao menos saberem o que se passava.

Depois de muitas tentativas, prostrou-se, finalmente, ante os olhos aflitos de sua mãe e de sua irmã, que eram atendidas pelos amigos. Olhos esbugalhados, Erasmino chorava como criança, pois conservara a plena consciência do ocorrido, não conseguindo, no entanto, coordenar as palavras que lhe saíam da boca.

O que ocorreu depois foi um verdadeiro interrogatório, que os amigos lhe faziam, enquanto a Sra. Niquita, sua mãe, corria chamando a vizinha para auxiliá-la, pois nunca vira o filho em situação semelhante.

— Sabe, D. Niquita, eu queria muito lhe falar desde há alguns dias, mas a senhora não me dava oportunidade.

— Eu não sei o que está acontecendo com meu filho, D. Ione, ele está muito diferente, mas o que ocorreu agora foi o máximo que eu poderia aguentar. Eu tenho medo do meu próprio filho. Imagine, como posso conviver com tudo isso? É tudo tão estranho que não me restou outro jeito senão recorrer a sua ajuda — falou, chorando.

— A senhora tem que ter muita fé, pois o caso de Erasmino pode ser muito difícil. Eu acho que ele é médium e tem que desenvolver; por isso, ele está levando couro dos espíritos. Olha, eu sei de casos em que a pessoa até chegou a ficar louca, por não obedecer aos guias. É um caso muito sério.

— Mas o que eu posso fazer para ajudar o meu filho? Ele não sabe mais o que fazer para ficar livre do problema. Está desesperado.

— Faz assim, eu hoje vou lá na sessão de Mãe Odete e falo com ela, quem sabe ela pode nos ajudar? Mais tarde, então, nós duas vamos lá e conversamos com ela juntas, talvez até Erasmino nos acompanhe e faça um tratamento lá no centro.

— Você frequenta esse tipo de lugar? Como você nunca me falou nada?

— E a senhora não sabe? Eu sou médium de berço, e olha que Mãe Odete me disse que eu sou daquelas bem fortes e que os meus orixás trabalham nas sete linhas.

— Mas o que significam essas sete linhas? Eu não entendo nada disso.

— Olha, D. Niquita, eu também não entendo direito o que é isso, não, mas que é verdade, é, pois Mãe Odete é pessoa muito respeitada no meio, e ela não iria mentir para mim. Agora, cá pra nós, a senhora podia ir conversando com Erasmino, enquanto eu falo com minha Mãe de Santo, tentando convencê-lo a ir fazer uma visita lá no terreiro. Assim, quem sabe ele melhora...

Durante uma semana Erasmino ficou com profunda depressão, precisando recorrer a medicamentos antidepressivos para tentar se reerguer. Novamente foram consultados médicos e um psicólogo amigo da família, que em vão tentou os recursos conhecidos para demover Erasmino daquele estado.

D. Niquita, mulher simples, fazia suas orações rogando ao Alto que enviasse recursos. Não sabia mais o que fazer para ajudar o filho, que sofria muito com as coisas "estranhas" que estavam acontecendo. A família se tomara um caos. O pobre filho corria o risco de perder o emprego, e os amigos que já não apareciam como de costume. Orou durante noites seguidas, até que do Alto apareceram recursos, mas era necessário que ela pudesse captar os pensamentos que lhe eram sugeridos.

2

Mãe Odete

IONE dirigiu-se à casa daquela que dizia ser a sua Mãe de Santo. Tentaria algo em benefício de Erasmino. Encontrou Mãe Odete em meio a um ritual de magia e resolveu esperar.

Passou-se muito tempo, quando então foi atendida pela mulher que se dizia conhecedora dos mistérios da vida e da morte.

— Pois é isso, Mãe Odete, eu queria muito ajudar essa família e resolvi recorrer a sua ajuda, a fim de fazer uma consulta para Erasmino. Quem sabe a senhora não encontra um jeito para ajudar, eu aposto que é caso de mediunidade...

— Vamos consultar os guias, minha filha. Antes dele vir aqui vamos fazer uma consulta e ver do que se trata. Você sabe, às vezes tem casos que nem nós podemos resolver...

— Como não pode? A senhora não é dona dos espíritos?

— Dona? Eu apenas faço contatos com eles, e eles me dizem o que fazer conforme o caso, mas dona eu nunca disse que era...

Feitos os preparativos, Odete sentou-se numa cadeira em volta de uma mesa com toalha branca, onde havia uma pequena peneira com conchas dentro e colares em volta. Uma pequena campainha foi acionada. Era o sinal de que Odete estava entrando em contato com os espíritos, seus guias. Pronunciava palavras numa língua incompreensível para Ione, enquanto balançava a campainha. Juntou as pequenas conchas nas mãos e jogou-as dentro da peneira. Estranha sensação dominou as duas, enquanto Odete olhava o resultado da queda das conchas. Arrepios intensos percorriam os corpos das duas mulheres, enquanto estranha força jogou Odete para longe da mesa, para espanto de Ione,

que ficou extremamente assustada com o ocorrido. Nunca vira algo assim.

Quando Odete se dispôs a consultar os espíritos sobre o caso de Erasmino, estabeleceu imediatamente a sintonia mental com o caso e atraiu para perto de si a entidade que acompanhava o rapaz.

O espírito aproximou-se com intenso magnetismo primário, cheio de ódio porque alguém queria interferir no "seu" caso. Tentou de todas as maneiras impedir que Odete participasse do andamento da questão em que estava envolvido com Erasmino. Para isso, utilizou-se de uma força que se assemelhava à sua própria: os fluidos de Odete e de Ione.

Concentrou-se intensamente e, sugando as energias de ambas, logrou atingir Odete fisicamente e jogá-la distante da mesa onde se encontravam as duas. Foi o suficiente para espantar Ione e colocar fim à tentativa. Odete, por sua vez, aconselhou que encaminhassem o jovem para outro lugar.

Existia, em outra localidade, um centro umbandista que era diferente do seu. Diziam que só trabalhavam com forças do bem, com energias superiores. Quem sabe não poderiam ajudar? Ela, afinal, não estava bem de saúde e, com muitas atividades por realizar, não conseguiria solucionar a problemática.

Na verdade, o conselho foi uma confissão de sua própria incapacidade para resolver o problema de Erasmino. Tinha medo. Nunca antes encontrara tanta energia como a que a atingira naquela ocasião. Fez de tudo para encaminhar Ione para outro terreiro.

D. Ione foi embora um tanto decepcionada com o ocorrido, mas, de certa forma, ainda continuava querendo ajudar. Procurou o terreiro do qual ouvira falar anteriormente. Diziam que era diferente, mas não importava, iria assim mesmo. E foi o que fez.

Procurou se informar direito e, assim que pudesse, iria conduzir D. Niquita e Erasmino ao tal lugar. Com prudência, frequentou algumas sessões antes de indicá-lo à amiga e, depois de algumas dúvidas esclarecidas, resolveu então indicar o caminho a D. Niquita e à família.

Foi providencial o caso ocorrido com Odete e Ione. Muitas vezes, circunstâncias adversas são emissárias de oportunidades de acerto encaminhadas às vidas das pessoas. Algumas investidas das sombras, ao invés de atrapalhar, costumam ser revertidas em benefícios, conforme as circunstâncias.

3

Um recurso diferente

ESTÁVAMOS visitando um determinado posto de socorro deste lado da vida, em tarefa de estudo, quando nos foi permitido participar da equipe que ajudaria no caso de Erasmino.

Tentaríamos algo, visando ao reequilíbrio do rapaz, que era tutelado por bondosa entidade, que fora sua avó na existência física. Há muito desejávamos fazer estudos a respeito da obsessão, e essa era a oportunidade que sempre quisemos ter. Não a perderia em hipótese alguma.

Demandamos o lar de D. Niquita, com a curiosidade que me era característica, desde que me entendia por gente sobre a Terra, se bem que continue sendo "gente", embora outra tem sido a minha residência, nessa nova etapa da vida em que me encontro. Sou agora uma alma do outro mundo, arvorando-se em comentarista e repórter do além e do aquém, fazendo suas observações, não como o fazia na crosta, mas agora sob uma nova ótica. A ótica espiritual.

Encontramos a casa de D. Niquita em intensa agitação, naquela tarde de sábado. A vizinha, D. Ione, estava convencendo Erasmino a participar de uma sessão de terreiro, juntamente com duas amigas suas, pessoas extremamente místicas e com argumentos. Diante do desespero de todos, a sugestão foi aceita imediatamente, na esperança de resolver o problema de uma vez por todas.

O companheiro Arnaldo, que conduzia nossa equipe espiritual, falou-nos, sempre com sabedoria:

— Estamos diante de um caso muito delicado e que requer firmeza por parte dos envolvidos. O nosso irmão Erasmino necessita urgentemente receber auxílio para o seu equilíbrio espiritual. Encontra-se abatido psicologicamente e,

dessa forma, torna-se presa fácil nas mãos de seu verdugo, passado, que apenas espreita o momento ideal para desfechar o golpe infeliz que poderá levar nosso amigo à loucura definitiva. É necessário, no entanto, que respeitemos os posicionamentos da família e principalmente o de Erasmino, esperando que ele tome uma posição mais decidida e crie ambiente mental propício para que possamos interferir em seu benefício.

— Mas o que você acha a respeito da tentativa da mãe e da vizinha de conduzi-lo a um terreiro de umbanda, para resolver o problema?

— Tentaremos auxiliar como pudermos, conscientes de que a bondade divina se manifesta conforme os instrumentos de que dispõe para trabalhar. Não é pelo fato de ir a um terreiro de umbanda que o nosso irmão não será atendido convenientemente. No seu caso, talvez necessite realmente de um choque com vibrações mais intensas, para acordar para os problemas da vida. Observemos primeiro e depois ajuizaremos quanto à forma de auxiliar o companheiro.

— Mas não seria mais conveniente induzi-los a procurar um centro de orientação kardecista, em vez de um terreiro? — perguntei curioso.

— Nos terreiros umbandistas encontramos igualmente os recursos necessários para atuarmos junto aos nossos irmãos. Conheço pessoalmente espíritos de extrema lucidez que militam junto aos nossos irmãos umbandistas, no serviço desinteressado do bem. Os problemas que às vezes encontramos não se referem à Umbanda propriamente, como religião, mas à desinformação das pessoas, ao misticismo e à falta de preparo de muitos dirigentes, o que, aliás, encontramos igualmente nas casas que seguem a orientação kardecista. Não se devem confundir as pessoas mal-intencionadas, os médiuns interesseiros com a religião em si. Em qualquer lugar onde as questões espirituais são colocadas como uma forma de se promover, tirar proveito ou manipular a vida das pessoas, envolvendo o comércio ilícito com as esferas invisíveis, ocorre desequilíbrio e é atraída a atenção de espíritos infelizes. A Umbanda inspira-nos profundo respeito pelos seus ideais; trabalhemos para que alcance um grau de entendimento maior das leis da vida e que os seus orientadores espirituais encontrem medianeiros que lhes entendam os propósitos iluminativos. Deixemos de lado quaisquer preconceitos e tentemos auxiliar como pudermos.

Calei-me ante as palavras do companheiro espiritual e comecei a rabiscar algumas anotações que me pareciam de grande utilidade. Acredito que,

a partir daquele momento, eu havia começado a ter uma nova visão do que se chamava de mistérios da Umbanda, e minha visão da vida começava a modificar-se.

Estava acostumado a determinados pontos de vista e me fechara a outras formas de manifestações religiosas que não aquela que conhecera como sendo a verdadeira.

Antes de desencarnar eu tivera contato com a Doutrina Espírita e, por influência de um amigo, pude beber-lhe dos ensinamentos, que, afinal, muito me auxiliaram quando cheguei aqui, deste lado. Mas, no Brasil, existem outras expressões religiosas que têm como base o mediunismo, e foi a partir dessa experiência que resolvi ditar algo a respeito. Quem sabe outros como eu, embora a boa intenção, não se conservavam com o pensamento restrito, julgando-se donos da verdade? E quem sabe não desconheciam a verdadeira base da Umbanda, como também a de outros cultos afros, e por isso mesmo os julgavam ultrapassados, primitivos ou coisa semelhante? Afinal, eu não poderia deixar passar aquela oportunidade, que, para mim, seria de intenso trabalho e aprendizado, e quem quisesse poderia se beneficiar de alguma forma com os meus apontamentos. Afinal, eu não havia deixado na sepultura a minha vontade de aprender e a minha curiosidade, às quais devo os melhores momentos que tenho passado no meu mundo do além.

O final de semana transcorreu com a família de Erasmino muito preocupada quanto à melhora dele, pois ainda não conseguira sair do abatimento a que se entregara. Chegamos próximo à cama onde ele se encontrava, perdido em suas preocupações íntimas, e Arnaldo convidou-me a observar com atenção a região cerebral de Erasmino.

Acheguei-me por detrás dele, e o que vi era um misto de beleza e terror. Seu cérebro parecia uma usina elétrica com imensas reservas de energia que brilhavam em cores variadas, à semelhança de luzes multicoloridas na noite de uma cidade grande. Mas, enlaçada no córtex cerebral, uma rede tenuíssima de filamentos fluídicos estava presa, como se fosse uma teia de aranha que pulsava, envolvendo o centro cerebral, variando a sua tonalidade entre prateado e negro.

Assustado e ao mesmo tempo maravilhado com o que observava, olhei para Arnaldo, que me socorreu imediatamente com a explicação:

— O nosso amigo encontra-se sob a influência de entidade espiritual

que, de certa forma, entende de métodos de influenciação mais aperfeiçoados no campo do magnetismo. Essa malha magnética que envolve o córtex cerebral é responsável pelas imagens mentais que o atormentam constantemente, além de promoverem a recordação constante de situações vividas em seu passado espiritual, apesar do cuidado de seus verdugos desencarnados para que isso se dê de forma lenta causando o sentimento de angústia e os ataques de depressão, inexplicáveis para os médicos e psicólogos que o atenderam. Mas não é somente isso que o atormenta. Observe com mais detalhe o companheiro.

Agucei mais a visão espiritual e pude perceber que da rede magnética partiam delicados fios, invisíveis para os encarnados, que se juntavam na região do plexo solar e se uniam aos feixes de nervos, alastrando-se em várias regiões do sistema nervoso. Além disso, pude observar imensa quantidade de larvas astrais, que, em comunidades, pareciam absorver-lhe as energias vitais.

— Essas comunidades de parasitas — falou Arnaldo — são as responsáveis por seu estado debilitado. Atuando com voracidade em seu duplo etérico, absorvem-lhe as reservas de energia, desestruturando-lhe também emocionalmente, tomando-o facilmente influenciável por seus perseguidores com o sistema nervoso abalado, em virtude dessa influência, levada a efeito pelos filamentos que se interligam no plexo solar, Erasmino é um canal perfeito para a atuação de espíritos que guardam desequilíbrios semelhantes.

— Mas então ele é médium? — perguntei.

— Como não? Ou desconhece o fato de que todo ser humano é de alguma forma intermediário das inteligências desencarnadas? O que acontece é que muitos julgam mediunidade apenas as questões relativas ao fenômeno mais aflorado, mas segundo a concepção espírita, todos são invariavelmente médiuns, pois, de alguma forma, o homem sempre sofre as influências externas ou influencia alguém. No caso presente, podemos ver a mediunidade do nosso companheiro se manifestando de maneira desequilibrada, por um processo doloroso, que chamamos de obsessão.

— E se ele desenvolver a mediunidade, como alguns aconselham, será que os problemas passarão?

— Esse conselho é muito utilizado por pessoas que não têm o conhecimento estruturado em bases eminentemente kardecistas, embora em muitos centros ditos espíritas vejamos constantemente alguns dirigentes induzirem certas pessoas portadoras de determinados desequilíbrios a

desenvolverem a mediunidade. Mas todo cuidado é pouco. Nesses casos, a prudência aconselha que se faça um tratamento espiritual, com a afirmação de valores morais sólidos, a fim de que o companheiro possa se fortalecer espiritualmente. É um irmão enfermo espiritualmente, e sua mediunidade guarda a característica de ser atormentada por espíritos que querem se vingar de um passado em que tiveram experiências em comum. Não se deve desenvolver algo que está enfermo. É preciso se reequilibrar, para depois se atender o compromisso assumido na área mediúnica, se é que ele realmente existe.

— Mas não podemos fazer alguma coisa para tirar essa influência que atua sobre ele?

— Não é tão fácil assim, meu amigo Ângelo. De nada adianta retirarmos esses fluidos que se entrelaçam no cérebro dele, para depois retomarem sob a ação desses espíritos, pois eles só conseguem essa influência porque encontram sintonia com a mente invigilante de Erasmino, com seu passado e com a sua insistência em manter-se nos mesmos padrões mentais de seus perseguidores. É necessário que ele desperte para a urgência da mudança íntima, elevando seu padrão vibratório, a fim de se desligar dessa influenciação daninha. E, para isso, a Umbanda, com seus rituais e métodos próprios, será excelente instrumento de despertamento do nosso irmão. Ele encontra-se com o pensamento muito solidificado em suas próprias concepções de vida e, como você vê, não se encontra sensível aos apelos mais sutis do Espiritismo, que, no momento propício, deverá falar-lhe à razão. Ademais, a família guarda certos pendores para as manifestações de mediunidade tal como se dão na Umbanda, e convém não violentarmos Os nossos irmãos. Procuremos ajudar conforme formos solicitados, e a Bondade Divina haverá de conduzir cada um ao seu lugar na grande família universal que somos todos nós.

4

O reduto das trevas

FIZEMOS uma prece junto a Erasmino e aplicamos-lhe um passe calmante, proporcionando-lhe momentos de mais tranquilidade, até que pudéssemos socorrer-lhe mais detidamente.

Nesse meio tempo, a sua genitora parece ter-nos captado a presença e recolheu-se em prece, mentalizando a imagem de Nossa Senhora das Graças, rogando-lhe as bênçãos para o filho. Suave luz envolveu-lhe o semblante e, juntando-se às energias de Arnaldo, projetou-se sobre a fronte de Erasmino, que adormeceu suavemente.

Observei, novamente extasiado, o que acontecia diante de meus olhos. Enquanto o corpo do moço se encontrava estendido em sua cama, desdobrava-se diante de nós, o espírito dele, que, meio atordoado, não conseguiu divisar-nos a presença. Parecendo um robô, dirigiu-se a esmo para a rua, como se fosse teleguiado por forças desconhecidas, embora se mantivesse ligado ao corpo físico por um cordão fluídico finíssimo, de cor prateada.

Acompanhamo-lo. Seguia por regiões inóspitas da paisagem espiritual, parecendo dirigir-se a lugar conhecido. Avistamos ao longe um edifício construído com matéria astralina e, portanto, invisível aos olhos comuns dos homens encarnados.

Muitos pensam que, deste lado da vida, tudo é apenas névoa ou nuvens que pairam pelo espaço, em meio a fantasmas errantes. Enganam-se. Desafiando a pretensa sabedoria de muitos pseudossábios e religiosos do mundo, a vida continua estuante, com muitas vibrações ou dimensões que aguardam ser devassadas pelo homem do futuro, para sua elevação espiritual. Não mais continentes a serem descobertos, nem países a serem conquistados,

mas um mundo todo diferente, em se tratando da matéria que o constitui. E falamos "matéria" porque aqui também a encontramos, mas vibrando em estados diferentes da matéria física. Pode-se, quem sabe, chamá-la de antimatéria, antiátomo, antielétron. Mas o que importa não são as denominações ou os vocabulários já ha muito obsoletos com referência às manifestações da vida no universo, mas a realidade desta mesma vida, que, para nós, os desencarnados ou os defuntos – como somos muitas vezes chamados aí pelos de colarinhos engomados – segue sempre sendo um mundo vibrante, com suas construções forjadas na matéria sutil do nosso plano ou dimensão. Essas construções encontram-se espalhadas por muitos lugares do Plano Astral e muitas vezes se justapõem às construções físicas que vocês fazem aí.

Esse prédio que avistamos fugia ao que comumente se espera de uma construção desse tipo, utilizada para a finalidade que seus habitantes desencarnados o usavam. Geralmente se espera que espíritos atrasados habitem regiões negras, com cheiro ácido e com muita sujeira, o que refletiria seu estado íntimo de desequilíbrio. Mas até eu me enganei. Embora a paisagem externa não perdesse para as melhores descrições de Dante, em sua "Divina Comédia", a imponência do prédio desafiava os melhores arquitetos da Terra, e a perfeição de seus detalhes certamente faria inveja aos amantes das aparências exteriores.

Com a presença de Arnaldo, segui atrás de Erasmino, que se dirigia para o que se poderia chamar de andar térreo do portentoso edifício Não sabia direito para onde nos dirigíamos, quando Arnaldo veio com a explicação:

— Não se preocupe, estamos sob o abrigo do bem. Aqui, neste prédio, posso afirmar que estudam as mesmas forças e energias que nós estudamos. Entretanto, empregam-nas em sentido contrário. A nossa presença não será percebida, pois, mesmo sendo desencarnados, como nós, os seus habitantes e trabalhadores, se assim podemos chamá-los, estão com as mentes embotadas por vibrações infelizes, especializando-se em formas de ataques mentais ou magnéticos, para atuarem contra seus irmãos encarnados; portanto, permanecem em vibração diferente da nossa, não nos podendo perceber a presença espiritual. Continuamos invisíveis para eles, como para os encarnados. Tudo é questão de se compreenderem as dimensões espirituais.

Adentramos a construção atrás de Erasmino, que permanecia sob o

domínio de alguma força misteriosa. Tudo era limpo. O chão em que pisávamos era de material semelhante ao granito, conforme observara na Terra. Um balcão iluminado funcionava como recepção, onde o espírito de uma mulher de aparência jovem, recebia outros espíritos que ali chegavam com objetivos que eu, no momento, nem imaginava. Era a imagem do luxo exagerado. Luminárias pendiam do teto em cores variadas, parecendo cristais. Espíritos iam e vinham em várias direções. A cena era de difícil descrição, pela riqueza de detalhes. Alguns desses espíritos estavam vestidos conforme o figurino de homens finos do século XX, trazendo no semblante a arrogância de certos magnatas que pude conhecer quando encarnado. Outros se mostravam em trajes de épocas variadas, como se encontrassem ali personagens de tempos históricos diferentes; e outros ainda, nem tão arrumados assim, mais pareciam seres trevosos, com aparências terríveis, que, caso se mostrassem aos encarnados, certamente causariam pavor. Era toda uma população de almas do outro mundo, ou deste mundo, que entravam e saíam do prédio.

Olhando por aquilo que julguei serem vidraças, pude ver que, do lado de fora, intensa tempestade se fazia, dificilmente podendo observar o ambiente externo. Em frente a algo que se parecia um elevador, havia uma inscrição em vários idiomas: *"Aqui temos todas as possibilidades de executar seus planos de vingança. o ódio e o desespero são as forças que utilizamos para conduzi-lo ao seu objetivo. por favor, procure na recepção a informação adequada para o seu caso e conte com nosso sistema pois ele nunca falha"*.

E abaixo da inscrição estava assinado: *"Os Magos da Mente"*.

Todo aquele conjunto arquitetônico fora então elaborado com a finalidade de abrigar espíritos dedicados a planos funestos de vingança. Era toda uma organização das trevas, com os requintes da modernidade, da tecnologia e os demais recursos que o homem encarnado conhecia na atualidade, mas que certamente iriam além, com possibilidades que nós mesmos desconhecíamos.

Entramos no elevador, ou algo parecido, acompanhando o espírito desdobrado de Erasmino, que permanecia sob domínio invisível. Subimos vários andares e paramos em local desconhecido, onde havia nova placa, com os dizeres: "Ala de Ciências Psicológicas".

Seguimos Erasmino por extenso corredor, por onde trafegava grande quantidade de espíritos, enquanto outros esperavam sentados à porta de

algumas salas, como se esperassem para ser atendidos.

Havia placas de "Silêncio" em várias portas, como se fossem consultórios de moderno edifício. O moço desdobrado parou mecanicamente em frente a uma porta, que se abriu assim que ele chegou. Entrou silencioso, e nós o acompanhamos. A sala era imensa, consideradas as proporções de outras semelhantes na Terra, com decoração esmerada e uma luminosidade avermelhada envolvendo todo o apartamento. Móveis modernos foram moldados na matéria astral, de maneira a lembrar um consultório de psicanálise da Crosta. Sentado atrás de algo que se afigurava uma escrivaninha, estava um espírito de aparência grave, estatura alta, trajando um moderno terno preto, que, se visto por alguém da Crosta, seria considerado de extremo bom gosto. Era um perfeito *gentleman*, como o chamariam os encarnados.

Em frente a ele, sentado numa cadeira de recosto, um velho, não tão arrumado como o outro, aparentando mais ou menos sessenta anos de idade, e, mais ao fundo, dois outros espíritos de aparência jovem, impecavelmente trajados, com cabelos longos presos atrás, formavam o grupo que ali encontramos.

Tudo me parecia muito estranho, mas Arnaldo pediu-me para observar apenas, pois mais tarde teríamos como retomar ali, para realizar alguma tarefa que teria relação com o caso.

— Eis nosso pupilo — falou o espírito que parecia comandar a situação. — Veja como obedece-nos a influência. Aos poucos, irá se submetendo ao nosso domínio, até que esteja totalmente à nossa mercê.

— Mas vocês irão acabar com ele para mim? Esse miserável não me escapará, e espero que tenham condições de fazer o mesmo com aquela bruxa velha que se diz ser mãe dele — falou o outro espírito que parecia mais velho, o responsável pela desdita de Erasmino.

— Claro, claro — redarguiu o outro —, afinal, você é nosso cliente, e aqui nós não brincamos em serviço. Vê meus dois amigos ali? — apontou para os dois espíritos que se mostravam mais jovens — São meus melhores magnetizadores. Elial e Dario. São, na verdade, dois excelentes psicólogos e conhecem a fundo os problemas da alma humana. Trabalham diretamente sob o comando central. Veja como atuam e se certifique de que nós cumprimos o que prometemos.

Ainda quando falava, os dois espíritos conduziram Erasmino até um

divã e o fizeram deitar-se.

Elial postou-se a um lado, enquanto Dario localizou-se num pequeno assento próximo à cabeça de Erasmino. O primeiro aplicava-lhe intensas radiações magnéticas na região do bulbo raquidiano, e o outro falava mansamente, com um tom monótono:

— Erasmino, Erasmino. Você ouve apenas a minha voz. Sinta-se em casa, sereno e tranquilo. Sua mente é agora a minha mente, seus pensamentos os meus pensamentos. Você está cada vez mais sob o meu domínio. Você está aos poucos perdendo a identidade. Mergulha no passado. Não se encontra mais no presente...

Aos poucos, a entidade projetava sobre Erasmino intenso magnetismo, enquanto continuava:

— Volte ao passado. Volte ao passado. Volte. Volte. Você está cada vez mais retomando, em outro tempo, outra época. Lembre-se, você não se chama mais Erasmino. Seu nome é outro. O tempo é outro. Estamos em seu passado.

Cenas singulares se desenrolaram, então. Envolvendo as entidades magnetizadoras, como numa projeção holográfica, foram se passando cenas e mais cenas, como num filme, mas em sentido contrário. Parecia que estavam mergulhando em memórias do tempo, e, em todas essas projeções que, como uma névoa, os envolviam, podia-se ver a figura de Erasmino, em várias situações. Sua mente parecia irradiar estranhas vibrações. Contorcia-se sob o poder magnético daqueles espíritos, que continuavam sua estranha tarefa:

— Você está bem. Muito bem. Mantenha-se agora fixo nessas recordações. Depois nós iremos mais longe no tempo. Você se manterá nesta situação. Está sob o domínio de nossas vozes...

Os espíritos que observavam de longe sorriam, parecendo satisfeitos com o que acontecia Ouvimos o dirigente das trevas falar:

— Temos aqui os modernos recursos de fazer qualquer um retomar ao seu passado. Mas não podemos fazer milagres. Temos que ir devagar. Um pouco em cada sessão. Depois que for despertado todo o seu crime, ele estará irremediavelmente em nossas mãos. Por ora o ligaremos a alguns fatos desagradáveis de seu passado mais recente. Depois, através da indução, estará em suas mãos. Nós o entregaremos a você, como nos encomendou.

A um sinal seu, os dois magnetizadores interromperam a estranha terapia do mal.

Continuou:

— Como sabe, nosso trabalho tem um preço.

— Sim! Sim! Eu sei e estou disposto a tudo para me vingar...

— Pois bem! Você tem muitos contatos entre os do submundo, e nós temos interesses em comum...

As entidades diabólicas discutiam planos de destruição e interferência no progresso individual e coletivo. Dario, espírito de aparência jovem, bem apresentado, olhos azuis intensos e sorriso largo, a um sinal do chefe conduziu Erasmino para fora daquele prédio, levando-o para outra ala.

Acompanhando-os, entramos em outro ambiente estava escrita a seguinte frase no portal de entrada: "Ala de Implantes e Cirurgias". Olhei para Arnaldo e, a um sinal seu, permaneci calado, observando. Diante de nossa visão espiritual, surgiu um estranho laboratório naquela construção das sombras. Aparelhos estavam espalhados por toda a ala, dispostos de maneira extremamente organizada. Espíritos vestidos de branco, parecendo enfermeiros e médicos, transitavam entre a aparelhagem, em perfeita disciplina e silêncio. Parecendo um moderno computador, estava sobre uma mesa, um aparelho que mostrava contornos de um corpo humano em três dimensões, e, mais afastadas várias "macas", o que sugeria uma sala de cirurgia.

Erasmino espírito, que fora para lá conduzido, como hipnotizado, sob o domínio de Dario, deitado sobre a maca em decúbito ventral, esperava a intervenção diabólica dos espíritos trevosos.

A organização era levada ao máximo de importância. Um dos espíritos vestidos de branco aproximou-se de Dario e, após trocar breves palavras, dirigiu-se ao que se assemelhava a um computador. Falando algo por uma espécie de microfone, recebeu as informações de que necessitava, enquanto a imagem holográfica de Erasmino aparecia diante de si. Era a extrema técnica a serviço das trevas.

Dirigiu-se, então, para a maca onde o espírito desdobrado do rapaz se encontrava e começou uma estranha cirurgia. Pequeno aparelho foi implantado em determinada região do cérebro perispiritual de Erasmino, para produzir impulsos e imagens mentais, caso a técnica de indução psicológica falhasse. Eram extremamente rigorosos em suas realizações e não cometiam nenhuma imprudência. Tudo previram naquele caso doloroso, mas não sabiam da nossa presença no local, por estarmos em vibração mais elevada. Seus aparelhos não

captavam nossa presença espiritual, nem eles tinham condições de detectar nossa vibração, por se localizarem em faixa mental inferior, com objetivos ignóbeis. As artimanhas das trevas poderiam ser consideradas perfeitas, não fossem suas reais intenções.

Dario falava com o médico das trevas, com voz pausada e educação esmerada. Após a cirurgia, que não durou mais que alguns minutos, Erasmino foi liberado pela falange do mal, que permanecia em colóquio sombrio. Enquanto conversavam, Erasmino foi retomando pelo mesmo caminho por onde viemos, e acompanhamo-lo de volta, anotando todos os detalhes da situação.

Deixamos as perversas entidades no seu estranho conluio, e segui calado o companheiro Arnaldo, que me falava:

— Vê, meu amigo, como os espíritos trevosos são organizados? Neste prédio, encontra-se um dos postos mais avançados das sombras. Nele trabalham cientistas que se especializaram em doenças viróticas, em epidemias e processos requintados de interferência nas estruturas celulares dos irmãos encarnados. Outros, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, os quais, como estes que presenciamos, são especialistas nas questões da mente, nas modernas técnicas de psicoterapia, com objetivos diabólicos, pretendendo atuar diretamente nas mentes de dirigentes mundiais, em pessoas que ocupam cargos importantes no mundo terreno, em religiosos, pastores e dirigentes espirituais, pelo uso do magnetismo, que sabem manipular com maestria. Toda essa organização utiliza os modernos métodos desenvolvidos na Terra. Entretanto, fazem-no para prejudicar, atrasando o progresso da humanidade, pois sabem que bem pouco tempo lhes resta para continuarem com seus desequilíbrios, espalhando a infelicidade na morada dos homens: em breve poderão ser banidos da psicosfera do planeta e não ignoram o destino que podem ter. Os espíritos infelizes que lhes contratam os serviços especializados, se mantêm a eles ligados por processos que não compreendem, pois eles mesmos se enganam com o poder ilusório que julgam possuir. Tentam fazer-se deuses e são, na realidade, apenas homens, embora desenfeixados do corpo carnal.

— Mas eu não esperava que estes espíritos fossem tão requintados em suas ações e métodos... — falei para Arnaldo.

— Muitos pensam, inclusive os espíritas, que as entidades das trevas

são espíritos que pararam no tempo e que se utilizam ainda de métodos antiquados de domínio, quais os que se utilizavam na Idade Média da Terra, ou nas civilizações mais antigas que desapareceram ao longo dos séculos. No entanto, podemos observar que tais criaturas infelizes, como os homens na Crosta, se disfarçam sob o manto enganador das aparências, das construções suntuosas, sob o abrigo da vaidade e do orgulho mal-dissimulados e, como os homens terrestres, guardam sob essa aparência a sordidez do caráter inferior, a serviço de intenções inconfessáveis. Também as forças das trevas têm o requinte da civilização.

Calados, seguimos Erasmino de volta ao ambiente doméstico onde repousava seu corpo físico. De olhos esbugalhados, aproximou-se do veículo de carne e justapôs-se a ele, embora permanecesse entre o sono e a vigília.

— Temos que conduzi-lo imediatamente a tratamento — falou Arnaldo. — Teremos que procurar ajuda em mais de um lugar. Por enquanto, os danos são reversíveis, mas teremos que apressar a ajuda.

Oramos juntos e partimos para outros sítios à procura de socorro.

5

Primeiros contatos

DONA NIQUITA resolveu procurar orientação na tenda de Umbanda que Ione frequentava. Embora um pouco apreensiva, pois achava Ione um pouco mística, não conhecia outra maneira de ajudar seu filho. Venceu as primeiras barreiras criadas pela desinformação e pôs-se a caminho.

A tenda umbandista ficava do outro lado da capital, em bairro afastado da região central. D. Niquita nem ao menos viu o barulho e a confusão do trânsito, tais as suas preocupações. Ia acompanhada de Ione, que falava o tempo todo, como se tempo todo, como se quisesse catequizar a companheira e tomá-la umbandista também.

D. Niquita não estava interessada em outra coisa diferente da melhora do filho. Para ela nada mais importava. Estava disposta a tudo e, como boa católica que era, estava armada com o seu rosário e uma dezena de nomes de santos na cabeça, rezando a Salve-Rainha e dirigindo-se a uma tenda para falar com os "guias", como Ione chamava os orientadores espirituais da religião.

Umbanda. Um mistério envolve de tal forma essa manifestação religiosa que se toma difícil para o leigo saber a sua origem e o seu significado. Seus rituais tomaram-se tão misteriosos que os brasileiros com o seu misticismo natural, foram explorados por aqueles que nenhum escrúpulo tinham em relação à fé alheia. Mas essa não é característica da Umbanda. Por todo lugar onde há o sentimento religioso, manifestam-se pessoas inescrupulosas, que abusam da fé alheia. Protestantes, católicos, espíritas, espiritualistas, esotéricos e também umbandistas não estão livres do comércio e do abuso das almas alucinadas. Mas, no Brasil, essa terra abençoada onde as pessoas preferem julgar antes e, talvez, conhecer depois, a Umbanda, por se

manifestar, na maioria das vezes, para aqueles possuidores de uma alma mais simples, de uma fé menos exigente que os tomam vítimas dos pretensos sábios e donos da verdade, recebeu uma marca, um rótulo, que aos poucos, somente aos poucos, vai-se desfazendo. Isso ocorreu também devido às manifestações de sectarismo religioso, antifraterno e anticristão de uma minoria, o que gerou o preconceito contra os rituais da Umbanda, seu vocabulário, suas devoções.

Esse preconceito meio velado é que fazia D. Niquita armar-se contra tudo. Preparou o talão de cheques, pois ouvira falar que nestes lugares se cobrava, e muito, para realizar um "trabalho", quem sabe algum despacho ou "ebó", como ouvira algum dia na televisão. Mas bem que tinha uma certa inclinação para essas coisas.

Embora fosse católica apostólica romana, de vez em quando recorria às rezas, aos benzimentos e a outras possibilidades que Ione lhe ensinava, mesmo porque Ione é uma médium muito forte, só não é desenvolvida. Mas o que importa? "Médium é médium", pensava ela em sua ignorância das coisas espirituais.

Dentro do carro, olhava para Ione meio desconfiada, imaginando encontrar no "centro" toda uma parafernália de instrumentos de culto, animais para serem mortos, velas e defumadores, cânticos estranhos e muita cachaça; afinal, não era assim que falavam nos comentários de televisão, e não era assim que a "caridade" do povo se referia ao culto? Talvez encontrasse também um povo esquisito, vestido com roupas espalhafatosas, com imensos colares extravagantes pendentes do pescoço e fumando charutos.

— Ai, meu Deus! — Deixou escapar D. Niquita. — Onde me meti?

— O que foi que a senhora disse, D. Niquita? — perguntou Ione, que se distraíra.

— Tudo bem! Tudo bem! Eu faço tudo por meu filho. Estava apenas rezando sozinha — mentiu.

Aproximaram-se do local, que tinha aspecto agradável e era localizado em rua arborizada. Antes de chegar, pôde ver muitos carros parados em frente a uma casa de aspecto simples, mas de bom gosto. Pararam o carro e desceram. D. Niquita conservava-se pensativa e esperava ver a multidão de gente "esquisita" entrando escondida em algum lugar escuro e de aspecto diferente.

Esta foi a sua primeira decepção. Deparou com pessoas alegres, joviais, efusivas. Foi recebida com imenso carinho, enquanto Ione a apresentava aos

amigos, que lhe cumprimentavam com um "Saravá!", frase característica de nossos irmãos umbandistas.

Adentrou a casa ou tenda, como era chamada pelos frequentadores; então teve mais uma surpresa e, quem sabe, uma decepção. Nada de ambiente escuro, malcheiroso nem de pessoas diferentes. Encontrou pessoas normais. Tão normais quanto ela mesma. Sorridentes, porém, respeitosas pelo ambiente onde se encontravam. O cheiro de rosas e outras ervas que não pôde identificar enchia o ambiente de um agradável odor, que lhe fazia imenso bem. Foi acalmando-se intimamente. O efeito das ervas aromáticas foi aos poucos estabelecendo aquele estado íntimo de intensa tranquilidade. Cheiro suave e agradável. Nada do que imaginara anteriormente.

O salão era de uma simplicidade que desafiava tudo que pensara antes. Havia cadeiras dispostas com regularidade para a assistência; ao fundo, uma mesa, que servia de altar, com uma imagem de Jesus de Nazaré, duas velas acesas ao lado e copos com água formavam a maior parte dos utensílios do culto. Tudo simples. Muito simples.

Entre o altar e a assistência havia uma divisão com um espaço relativamente grande, que D. Niquita não sabia para que servia. Ela, porém, estava desarmada, decepcionada com a simplicidade do ambiente.

Ione aproximou-se de D. Niquita e conduziu-a para outra repartição da tenda, um pequeno cômodo onde ela seria entrevistada por um companheiro da Casa.

— Não me deixe sozinha, pelo amor de Deus!

— Que é isso, amiga? Fique tranquila! Só vamos anotar-lhe os dados para registro.

Entraram no pequeno aposento, e pôde notar uma escrivaninha com duas cadeiras em frente e um retrato fixo na parede dos fundos. Era de um preto velho, simpático e sorridente, que olhava para o alto como se estivesse fixando as nuvens num céu de anil.

Um senhor a atendeu com expressão de carinho e perguntou-lhe:

— É a primeira vez que vem a uma tenda de Umbanda?

Olhando para Ione, demorou a responder:

— Sim! Claro! A minha amiga me convidou, sabe? Eu estou com uns probleminhas. Na verdade não sou eu, é o meu filho, sabe?

— Não se preocupe, senhora; tudo a seu tempo. Eu apenas pergunto

para saber quanto conhece a respeito do nosso culto. Como é seu primeiro contato com a Umbanda, nós nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento às suas dúvidas e pedimos que se sinta à vontade em nosso meio, pois aqui somos uma família. Todos aqui trazemos problemas por solucionar, mas graças a nosso Pai Grande, estamos unidos para tentar também auxiliar os outros, na medida do possível.

Após a conversa inicial, D. Niquita ficou mais calma. No entanto, pensava em quanto cobrariam para fazer o "trabalho" para seu filho. Será que teria dinheiro bastante?

Foi conduzida para o local da assistência e sentou-se junto à companheira Ione. Pôde observar também que a maioria das pessoas estava de branco e se ajoelhava no chão para orar. Imitou-os no procedimento. Orou. Orou com um sentimento que nunca tivera antes. Lágrimas vieram-lhe à face. Foi despertada desse estado elevado de consciência quando Ione tocou-lhe de leve, entregando-lhe um papel com algo escrito. Levantou-se lentamente, sentou-se e abriu o papel. O que estava escrito bastou para que se desfizesse qualquer barreira que porventura ainda restasse. Leu então com todo o interesse de sua alma. Saciou sua sede e satisfez sua curiosidade. Desarmou-se ante o que estava escrito. Abriu seu coração para as "claridades de Aruanda", como dizem os nossos irmãos, e pôde então compreender que julgara mal aquelas pessoas e que, se estava ali precisando da ajuda delas, não tinha o direito de manter barreiras no coração.

O folheto dizia simplesmente:

"Meu filho, minha filha. Que as bênçãos do nosso Pai Maior estejam em sua vida. Saravá!

Você está numa tenda umbandista. Talvez você não tenha vindo aqui por livre escolha. Talvez as dificuldades da vida lhe tenham indicado o caminho. Quem sabe, a curiosidade natural que invade seu coração. Mas não importa. Você está aqui. E nós, também. Queremos esclarecer a você que neste recinto reina a disciplina e o respeito por nossos guias e pelas leis da Umbanda. Aqui se pratica a caridade e, por isso mesmo, não se cobra nada pelas orações e pelos conselhos que aqui são prestados. Somos trabalhadores do Pai Maior e não temos outro objetivo que não seja servir de instrumentos para que os guias realizem seu trabalho. Não tratamos de nenhum assunto que possa prejudicar ao próximo. Não fazemos despachos, oferendas ou matanças de animais. Nossa lei maior chama-se UMBANDA e, para nós, significa união, caridade, crescimento e integração com a lei da vida. Seja bem-vindo, vibre harmonia, bem-estar e

prosperidade, e que os guias iluminem sua vida para encontrar a resposta aos seus questionamentos e a solução para suas dificuldades.
Saravá os guias da Umbanda! Saravá o Pai Maior!".

— Então, havia muito compromisso por parte daquelas pessoas? Isso queria dizer que as informações que ouvira de uma e outra fonte estavam equivocadas? Meu Deus, como a gente faz ideia errada das pessoas... — pensava consigo mesma.

A tenda começou a encher de gente, e logo não havia mais lugar. Começaram, então, a cantar. Os cânticos sagrados da Umbanda realmente contêm um profundo significado. Era hora da invocação dos guias e mentores do culto, a qual se realizava através dos cantos e das orações. O gongá[1] já estava preparado, e os filhos da tenda se encontravam em seus lugares, todos de branco, enquanto as rosas e as folhas aromáticas envolviam o ambiente com seus odores balsamizantes. Os hinos sagrados começavam a vibrar no recinto:

"Como cheira a Umbanda! A Umbanda cheira!
Cheira cravo e cheira rosas, cheira flor de laranjeira."

Vibrações intensas envolviam o ambiente, e desde o momento em que chegamos pudemos perceber isso. Desencarnados e encarnados vinham ali em busca de algo. Chegamos cedo, a meu pedido, pois desejava obter informações e fazer algumas observações, que, para mim, eram muitíssimo importantes. O caso Erasmino me inspirava dedicação, e gostaria de participar de todos os lances.

Momentos atrás, quando D. Niquita penetrou no salão principal, já nos encontrávamos lá, e deste lado da vida as coisas se passavam bastante interessantes.

Fomos apresentados a uma entidade que estava postada junto à soleira da porta. O espírito parecia um soldado, que estava de prontidão para manter a ordem e a disciplina. Lá fora víramos outros, que estavam em pontos estratégicos, em tomo de todo o quarteirão onde se localizava a construção física da tenda. Impunham respeito e zelavam pela disciplina do lugar. Eram perfeitos cavalheiros.

Um deles, a quem fomos apresentados, atendeu-nos solícito e

[1] **Gongá:** espécie de altar para a Umbanda – N. D.

encaminhou-nos ao responsável espiritual pelos trabalhos da noite. Aproximou-se de nós um espírito trajando terno azul marinho, alto e de bigodes emoldurando a face sorridente. Era o irmão Anselmo. Vinha acompanhado de outro espírito: uma senhora de cor negra, que se vestia com os trajes típicos da época do Brasil colônia. Sua aura envolvia-nos a todos, e uma bondade profunda irradiava-se de sua presença, tomando-a respeitada por todos os outros espíritos que ali trabalhavam.

Eram os responsáveis pelas atividades daquela tenda de Umbanda, o irmão Anselmo e a irmã Euzália, que, sorrindo, nos cumprimentaram com um abraço fraternal.

— Meu nome é Arnaldo — falou o meu companheiro. — Estamos em tarefa de socorro, e, com certeza, já foram informados pelos nossos irmãos maiores a respeito de nossa vinda.

— Claro, meu irmão! — falou Anselmo. — Somos, aqui, todos aprendizes, e creio que poderão nos auxiliar muito nas tarefas que possamos desenvolver em comum. Esta é nossa irmã Euzália, nossa mentora, responsável por nossas atividades.

— Que é isso, Anselmo? Dessa forma você me deixa sem jeito — redarguiu a bondosa entidade. — Somos trabalhadores da mesma causa e estamos aqui para fazer o melhor que pudermos para o auxílio a quantos Deus nos envia. Sintam-se em casa, meus filhos.

A partir daí, estabeleceu-se um clima de verdadeira fraternidade e amizade entre nós. Anselmo nos orientava com carinho quanto a tudo que perguntávamos, ou melhor, que eu perguntava, pois não abandonara ainda o meu hábito de espírito perguntador. Não consegui deixar na Terra a minha curiosidade, que até hoje me acompanha como marca registrada. Afinal, mesmo deste lado da vida tem muita gente que se julga possuidora da verdade, o que é um ledo engano. Também para esses eu escrevo. Aqui temos também muita literatura, e alguém que se acostumou a ser repórter quando encarnado encontra aqui mil e uma situações às quais poderá se dedicar. E olha que tem muito espírito interessado em nossas notícias. Mas, deixando de lado essa minha mania de defunto metido a repórter do além, vamos ao que interessa realmente.

Olhei por todo o ambiente e pude notar uma luminosidade azul com reflexos dourados envolvendo a todos que entravam. Curioso, ensaiei uma

pergunta para Anselmo, enquanto Arnaldo se afastava com Euzália para tratar do caso que viemos acompanhar. O meu novo amigo não se fez de rogado e explicou-me solícito:

— Acho que você está tão interessado nos assuntos da Umbanda que não olhou bem o que acontece à sua volta. Quem dera que outros espíritos pudessem se dedicar a uma pesquisa, como você está se propondo fazer, e levassem para os nossos irmãos da Crosta as informações corretas.

Enquanto ele falava, eu fui olhando o ambiente com mais atenção. Ao lado da porta de entrada havia dois espíritos, que estavam magnetizando todos que passavam por eles. Um assemelhava-se a um índio pele-vermelha, com uma indumentária jogada sobre o ombro, de porte altivo, sério, porém, sem ser grave. Trazia um recipiente nas mãos e espargia uma espécie de mistura de ervas maceradas em todas as pessoas. Do outro lado da porta um autêntico preto-velho, porém, nem tão velho assim. Trazia nas mãos um estranho instrumento, que Anselmo identificou como sendo um turíbulo ou incensário, movendo-o em tomo das pessoas que entravam na tenda, enquanto o objeto exalava uma fumaça de cheiro adocicado, de forma que ninguém que passasse por aquela porta ficasse sem os efeitos do que lhes era ministrado.

— Esses são companheiros que na Terra se especializaram no cultivo e na manipulação de ervas. Aqui deste lado, além de irradiarem fluidos de sua aura pessoal, continuam com o mesmo trabalho, auxiliando quanto possam para o benefício geral — falou-me Anselmo. — Observe bem aquele companheiro que entra no salão.

Entrava um senhor de semblante grave, estatura alta, acompanhado por uma jovem, que segurava em sua mão. O preto-velho e o índio faziam o que eu chamava de ritual, envolvendo-o em suas vibrações. Aproximei-me mais para melhor observação e pude notar no senhor uma grande quantidade de energias que se mesclavam em tonalidades de cinza e verde escuro, envolvendo-o na região do chacra frontal e do plexo solar. Trazia impregnado em seu campo áurico, algo semelhante a uma lagarta, que parecia sugar-lhe as energias.

Quando a fumaça fluídica envolveu-o, começaram a cair no chão algumas postas de uma massa que se assemelhava a carne crua, guardando a peculiaridade de parecer viva, pois mexia-se constantemente. Quando o índio espargia a água, com propriedades desconhecidas para mim, sobre o senhor,

ela caía sobre o parasita e o desfazia, derretendo-o, como se fosse um ácido que, derramado sobre a estranha criatura, a desmaterializasse.

Fiquei abobalhado com o que vira. Eram verdadeiramente diferentes os métodos empregados, mas, sem sombra de dúvida, eram eficazes. Anselmo socorreu-me a curiosidade novamente:

— Vê, meu amigo, como esses companheiros promovem a limpeza magnética nas auras dos irmãos encarnados? Você não ignora que todas as coisas têm magnetismo próprio, e aqui, deste lado da vida, estruturas astrais das plantas, com a vibração que os espíritos conseguem canalizar da natureza, são medicamentos eficazes, que nas mãos de quem conhece, se transformam em potentes instrumentos de auxílio, expurgando larvas e criações mentais inferiores do campo magnético dos companheiros encarnados e mesmo desencarnados. A natureza guarda segredos que estamos longe de compreender em sua totalidade. Aqui nada se perde. Todo conhecimento é utilizado para o trabalho de auxílio. Toda experiência é aproveitada nas tarefas, porém, obedecemos a um critério, como verá depois.

Comecei a aprender que, em qualquer lado da vida que nos encontremos, nossas experiências, nosso conhecimento, mesmo que sejam incompreendidos por uma multidão, poderão ser úteis no serviço ao próximo. Aquele caboclo e aquele preto-velho eram espíritos de uma sabedoria que desafiava muitos sábios da Crosta e mesmo muitos desencarnados. Em sua simplicidade e pureza de intenções, auxiliavam quanto podiam, dando sua cota de contribuição.

Segui Anselmo e observei igualmente o gongá, o local onde se concentravam as atenções de todos. Era uma espécie de altar, utilizado para as rezas que se destinavam a encarnados e desencarnados. Anselmo, desta vez, explicou sem que eu perguntasse:

— Muitas pessoas necessitam ainda de algo que funcione como muletas psicológicas, a fim de desenvolverem seu potencial. Mas, aqui, o que acontece é bem diferente. O altar, os objetos de culto e todo o simbolismo que utilizamos, como os pontos riscados e cantados, as chamadas curimbas, visam compor o que chamamos de bateria magnética. É uma espécie de bateria psíquica que concentra as energias de que precisamos para as tarefas que realizamos. Na Umbanda lidamos com fluidos às vezes muito pesados, com magnetismo elementar, e uma grande quantidade de pessoas que aqui vêm em busca de

recursos não conseguem ainda compreender o verdadeiro objetivo da Umbanda. Às vezes, muitos umbandistas também não lhe compreendem os mistérios sagrados. Esse altar, o gongá, usando terminologia própria da Umbanda, é uma verdadeira concentração energética. Todos concentram aí seus pensamentos, suas orações, suas criações mentais mais sutis. Então, quando precisamos de uma cota energética maior para desenvolver certas atividades, é só recorrermos a esse "depósito" de energias, pois o altar é também um intenso reservatório de ectoplasma, força nervosa grandemente utilizada por nossos trabalhadores, em vista da natureza das nossas atividades. Os cânticos, além de identificarem cada espírito que se manifesta, servem igualmente como condensadores de energia, uma espécie de mantra, que são palavras consagradas por seu alto potencial de captação energética. É a força mágica da Umbanda.

Observei o ambiente espiritual da tenda ou terreiro. À medida que o povo cantava em ritmo próprio, parecia que imensa quantidade de energia luminosa ia se formando por cima da assistência, segundo o *ponto cantado*. De cores variadas, as energias iam se aglutinando na psicosfera ambiente e depois eram absorvidas pelas auras de quantos ali estavam, além de se agregarem em tomo do gongá. O fenômeno era maravilhoso de se ver. Em meio ao redemoinho de energias, espíritos que se manifestavam na forma de crianças canalizavam esses recursos para os assistentes, que estremeciam ao receber o choque energético. Eram os fluidos que os atingiam e desestruturavam as criações mentais inferiores, os miasmas e os demais parasitas que se encontravam nas auras dos participantes.

Não tive coragem de falar nada. Aprendia que tudo ali, naquela tenda, tinha uma finalidade específica. Anselmo, porém, continuou:

— Isso não quer dizer que todos aqui saibam o que se passa em nosso plano. Para muitos, tudo isso significa apenas uma forma de se adorar ou de se prestar culto às forças da natureza ou um elo de união com guias e mentores da Umbanda, mas estamos trabalhando para que os nossos médiuns se esclareçam cada vez mais e compreendam as leis que regem as atividades deste lado da vida. Já obtivemos muitos resultados e cremos que conseguiremos, com o tempo, sensibilizar a muitos, embora as dificuldades naturais que encontramos por parte de dirigentes, médiuns e frequentadores que teimam em continuar na ignorância do que ocorre, transformando tudo em misticismo. Mas não

importa! Continuamos a nossa tarefa de espiritualizar a Umbanda e fazê-la mais compreendida por nossos irmãos.

Aventurei-me, então, a perguntar a respeito de algo que me chamara a atenção desde que chegara na tenda. Quem eram aqueles espíritos que pareciam guardar a entrada do local? Pareciam soldados de um exército de desencarnados.

— Aqueles são os guardiães, meu caro Ângelo, são os espíritos responsáveis pela disciplina e pela ordem no ambiente. Em muitas tendas ou terreiros, são conhecidos como exus. Para nós, são companheiros experimentados, em várias encarnações, em serviço militar, em estratégias de defesa, ou mesmo simples trabalhadores que se fazem respeitar pelo caráter forte e pelas vibrações que emitem naturalmente. Eles se encontram em tarefa de auxílio. Conhecem profundamente certas regiões do submundo astral e são temidos pela sua rigidez e disciplina. Formam, por assim dizer, a nossa força de defesa, pois não ignora que lidamos, em um número imenso de vezes, com entidades perversas, espíritos de baixa vibração e verdadeiros marginais do mundo astral, que só reconhecem a força das vibrações elementares, de um magnetismo vigoroso, e personalidades fortes que se impõem. Essa, a atividade dos guardiões. Sem eles, talvez, as cidades estariam à mercê de tropas de espíritos vândalos ou nossas atividades estariam seriamente comprometidas. São respeitados e trabalham à sua maneira para auxiliar quanto possam. São temidos no submundo astral, porque se especializaram na manutenção da disciplina por várias e várias encarnações.

— Quer dizer, então, que estes são os chamados exus? Mas, quando se fala neles, as pessoas os julgam seres infernais ou assassinos, e até mesmo certos umbandistas passam essa ideia a respeito deles.

— Existe muita desinformação e falta de estudo, principalmente nos meios que se dizem umbandistas. Na verdade, prolifera um número acentuado de manifestações religiosas de cunho mediúnico que utilizam do nome da Umbanda para se caracterizarem perante a sociedade dos homens, mas a verdadeira Umbanda é uma religião que é destituída de misticismo em seus fundamentos, o que mais tarde poderemos esclarecer a você. Aqui, no entanto, nos deteremos, para esclarecer melhor o assunto.

"Muitos do próprio culto confundem os exus com outra classe de espíritos, que se manifestam à revelia em terreiros descompromissados com o

bem. Na Umbanda a caridade é lei maior, e esses espíritos, com aspectos os mais bizarros, que se manifestam em médiuns são, na verdade, outra classe de entidades, espíritos marginalizados por seu comportamento ante a vida, verdadeiros bandos de obsessores, de vadios, que vagam sem rumo nos subplanos astrais e que são, muitas vezes, utilizados por outras inteligências, servindo a propósitos menos dignos.

"Além disso, encontram médiuns irresponsáveis que se sintonizam com seus propósitos inconfessáveis e passam a sugar as energias desses médiuns e de seus consulentes, exigindo *trabalhos*, matanças de animais e outras formas de satisfazerem sua sede de energia vital. São conhecidos como os *quiumbas*, nos pântanos do astral. São maltas de espíritos delinquentes, à semelhança daqueles homens que atualmente são considerados na Terra como irrecuperáveis socialmente, merecendo que as hierarquias superiores tomem a decisão de expurgá-los do ambiente terrestre, quando da transformação que aguardamos no próximo milênio.

"Os médiuns que se sintonizam com essa classe de espíritos desconhecem a sua verdadeira situação. Depois, existe igualmente um misticismo exagerado em muitos terreiros que se dizem umbandistas e se especializam em maldades de todas as espécies, vinganças e pequenos *trabalhos*, que realizam em conluio com os quiumbas e que lhes comprometem as atividades e a tarefa mediúnica. São, na verdade, terreiros de Quimbanda, e não de Umbanda. Usam o nome da Umbanda como outros médiuns utilizam-se do nome de espíritas, sem o serem. Há muito que se esclarecer a respeito.

"Os espíritos que chamamos de exus são, na verdade, os guardiões, os atalaias do Plano Astral, que são confundidos com aqueles dos quais falamos. São bondosos, disciplinados e confiáveis. Utilizam o rigor a que estão acostumados para impor respeito, mas são trabalhadores do bem. Como nós, não exigem nem aceitam trabalhos, despachos ou outras coisas ridículas das quais médiuns irresponsáveis, dirigentes e pais de santo ignorantes se utilizam para obter o dinheiro de muitos incautos que lhes cruzam os caminhos. Isso é trabalho de Quimbanda, de magia negra. Nada tem a ver com a Umbanda".

O assunto dava para muita conversa e elucidações, mas a hora não comportava tais possibilidades, pois as atividades iriam começar. Arnaldo e Euzália aproximaram-se de nós, após as interessantes elucidações de Anselmo. Enquanto os dois dirigentes se dirigiam para a mesa ou altar, achegamo-nos de

D. Niquita para envolvê-la com vibrações mais sutis, enquanto, segundo Arnaldo me contou, um grupo de espíritos, os guardiões, estava se dirigindo à residência de Erasmino, e outro grupo, faria investigações em relação ao lugar que visitamos, o prédio onde trabalhava a falange de espíritos que estavam envolvidos com os desequilíbrios de Erasmino.

Os cânticos criavam no ambiente uma atmosfera de intensa radiação magnética, pois concentravam, na psicosfera da tenda, as energias de todos os presentes. Faíscas elétricas cruzavam o ar, ionizando a atmosfera, como se as correntes energéticas obedecessem ao ritmo dos hinos cantados. Não havia ali atabaques ou tambores, como eram utilizados em outros lugares. A um sinal do dirigente, pararam de cantar, e todos se concentraram no altar, de onde emanava luminosidade singular, parecendo uma névoa de irradiações cintilantes. Foi indicado um médium da corrente para realizar as preces iniciais, e novamente recomeçou o cântico de invocação das entidades da casa.

Aproximou-se de cada médium um determinado espírito, que o envolvia em suas vibrações peculiares. O ritmo da música foi aumentando, e pude ver como Euzália e Anselmo aproximaram-se dos médiuns com os quais deveriam trabalhar na noite.

Fiquei encantado com o que via. Euzália transformou-se aos nossos olhos de desencarnados, modificando a sua aparência perispiritual de tal maneira que, se alguém possuidor de vidência a tivesse visto naquele momento, não a reconheceria. Foi-se encurvando aos poucos e assumiu a personalidade e aparência de uma velha de mais ou menos setenta anos de idade, enquanto o seu médium igualmente assumia a mesma postura, demonstrando em seu semblante as características que o espírito assumira. Por sua vez, Anselmo foi aos poucos modificando a sua aparência e, num exercício de ideoplastia, assumiu aspectos de um velho calvo, negro e de um sorriso extenso no rosto. A médium que o "recebia", como falavam na tenda, tomou a mesma postura do espírito que se apresentava aos encarnados como Pai Damião, enquanto Euzália era agora a bondosa Vovó Catarina.

Começaram as atividades mediúnicas da noite, e cada médium dava passividade a um espírito que se manifestava entre os encarnados como preto velho. Era a gira da Umbanda. D. Niquita foi conduzida por Ione a ajoelhar-se aos pés de Vovó Catarina, entidade que se revezava com Pai Damião na direção dos trabalhos.

O olhar bondoso da entidade transparecia através dos olhos do médium que lhe recebia a influência. Sentada em um banco pequeno, trazia um ramo de alfazema na mão, que lhe fora dado por um jovem que auxiliava, com o qual fazia seu benzimento.

D. Niquita começou a chorar, emocionada com as vibrações da entidade, as quais a envolviam. A preta velha começou a falar naquele linguajar todo simples, que conseguia tocar nos corações:

— Deus seja louvado, minha fia! Deus seja louvado! Ocê vem à tenda de nêga-véia em busca de ajuda, mas nêga-véia vê mais em seu coração. É um coração de mãe, como nêga foi um dia! Ocê sofre pelo fio querido. Mas não há de ser nada não, minha fia. Mantenha a fé em Deus, nosso Pai Maior, e aos pouco as coisa vai miorando. Nóis vamo trabaiá para o nosso Erasmino, e temos amigos seu do lado de nega veia que veio ajudar também.

A conversa continuava num misto de consolo e de informações do Plano Espiritual a respeito do caso de Erasmino. D. Niquita chorava sentidamente, enquanto a assistência continuava cantando os pontos dos guias.

Olhei bem o que se passava e pude ver que, enquanto a entidade conversava com a companheira encarnada, caíam dela certos resíduos fluídicos, que eram dissolvidos nas vibrações do ambiente espiritual do lugar. Vovó Catarina passava aos poucos seu ramo de alfazema em volta de D. Niquita, dando-lhe una passe, e, do galho da erva, desprendiam-se fios tenuíssimos de fluidos lilases, que interagiam com a aura da nossa irmã, causando-lhe imenso bem-estar.

Eram os recursos da natureza aliados ao amor da entidade e à simplicidade de sua tarefa. Uma a uma as pessoas foram se aproximando dos médiuns *incorporados* para o momento de conversa fraterna, enquanto, deste lado, os guardiões retomavam com informações preciosas a respeito do caso Erasmino.

Findo o culto, após as orações, os espíritos responsáveis retomaram a aparência que tinham, com extrema naturalidade. Dirigimo-nos a aposento contíguo para conversarmos. Os assistentes retomaram aos seus lares, e D. Niquita, aliviada, retomou igualmente com Ione, que lhe presenteou com um livro interessante, que um médium da casa lhe deu: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, de Allan Kardec.

Estávamos reunidos na sala, com os mentores da tenda, quando nos foi

passado por um dos guardiões extenso material capturado no reduto das trevas, onde todo o caso estava sendo tramado.

Após Euzália ler o conteúdo, falou-nos preocupada:

— O caso do nosso Erasmino exige muito trabalho. Pelo que vejo, o nosso irmão vem de um passado espiritual em que se comprometeu largamente com atividades menos dignas no submundo do crime, em região da Europa. As entidades envolvidas com o caso não o perdoaram, pois se sentiram lesadas com sua atitude, que julgam traidora. Contrataram um agente das sombras e exímios magnetizadores, os quais trabalham no caso mantendo extensa base em região das sombras, a qual vocês tiveram oportunidade de visitar na companhia de Erasmino, desdobrado. Precisamos de mais ajuda, de médiuns experimentados em atividades deste lado. Temos que desativar essa base o mais urgente possível. Os guardiões conhecem bem o local, que já está devidamente mapeado. Quanto a Erasmino, nós o traremos aqui para as devidas orientações, e ele participará de uma atividade diferente. Fará parte apenas do grupo de estudos. Faremos a limpeza em sua aura de uma única vez; depois veremos como proceder para conduzi-lo a uma consciência mais ampla de sua realidade espiritual.

A companheira mostrou-se conhecedora profunda de casos semelhantes e portou-se com extremo equilíbrio em sua proposta de trabalho. Entregou-nos os documentos capturados na base umbralina ou submundo astral, como chamavam, e pudemos perceber quanto exigiria de nós a tarefa que estávamos empreendendo.

Arnaldo teve a ideia de recorrer a dois médiuns conhecidos, que militavam numa casa espírita de orientação kardecista. Para lá nos dirigimos, após falar com Anselmo e Euzália. Estes colocaram à nossa disposição dois guardiões, que nos acompanharam com o máximo de interesse no caso.

Euzália, por sua vez, juntamente com Anselmo, dirigiu-se ao lar de Erasmino, para desdobrá-lo e trazê-lo à tenda, onde seria realizada a *limpeza magnética*, conforme os trabalhos da casa.

6

Desdobramento

DIRIGIMO-NOS para o lar de Francisco, um dos médiuns que iríamos recrutar para as tarefas da noite. A noite estava belíssima, e o ar balsamizante trazia fluidos da natureza, transportados pela brisa suave. Arnaldo, os guardiões e eu encontravamo-nos em frente a uma residência modesta, de aspecto agradável, onde adentramos com o máximo respeito. Os guardiões ficaram do lado de fora formando uma corrente de energia no local, para proteger o médium, quando estivesse em desdobramento. Francisco ainda estava acordado, lendo um livro na sala, quando chegamos.

Arnaldo, após aplicar-lhe um passe na região frontal, fez-se visível a ele através da vidência e comunicou-lhe o que estava acontecendo, a nossa necessidade de ajuda para o caso em que estávamos envolvidos. Francisco dirigiu-se imediatamente para o quarto de dormir e, após breve prece, colocou-se à disposição para o trabalho.

Arnaldo aproximou-se de Francisco e ministrou-lhe um passe magnético no córtex cerebral e outro ao longo da coluna, promovendo o seu afastamento do veículo físico. Pude notar que, ao afastar-se do corpo, em desdobramento, no plano extrafísico, Francisco espírito possuía a faculdade de vidência. Registrava-nos a presença com naturalidade e com desenvoltura apresentou-se a mim, colocando-se à disposição, como se estivesse acostumado a tais *saídas conscientes*. Era o fenômeno da viagem astral, como é conhecido nos meios espiritualistas.

— Boa noite, companheiros — falou Francisco, apresentando-se a mim. — Acredito que devamos nos dirigir imediatamente para a tarefa, não é mesmo? Mas peço-lhe, Arnaldo, por gentileza, que me dê as orientações

devidas; afinal, você não me avisou com antecedência. Preciso saber os detalhes sobre o caso e como posso ser útil.

Arnaldo deu um sorriso de satisfação e, abraçando Francisco, foi-lhe colocando a par da situação.

Saímos da residência de Francisco, onde ficou de plantão um dos guardiões, para qualquer eventualidade, pois era necessário proteger o corpo do médium de qualquer investida de espíritos infelizes. Quando saímos, pude ver o trabalho que foi realizado em volta da residência.

Envolvendo a casa, uma coluna de energia, que mais parecia uma cortina de fogo, estava formando um manto protetor, que, com certeza, não poderia ser rompido por entidades levianas ou espíritos maldosos. Em frente ao portão de entrada, mais duas entidades, que não avistara antes, estavam de guarda, auxiliando um dos guardiões que viera conosco.

Estranhei todo aquele aparato, e, antes que perguntasse a Arnaldo, ele foi logo falando:

— Em tarefas dessa natureza, principalmente quando o medianeiro estiver em desdobramento, é natural que protejamos o seu veículo físico com os cuidados necessários, pois qualquer dano causado ao seu corpo irá repercutir no perispírito, e, se a tarefa for realizada em regiões mais inferiores, é de se esperar qualquer tentativa de entidades sombrias para impedir sua realização. Igualmente, o médium desdobrado deverá contar com a assistência de uma equipe consciente e responsável, deste lado de cá da vida; afinal, estamos no trabalho do bem e devemos nos preservar de possíveis interferências nas atividades.

Aproveitando o ensejo criado pelas elucidações de Arnaldo, desejei saber a respeito do desdobramento ou viagem astral e de como Francisco tinha consciência do que se passava deste lado.

— Será que todos os médiuns que se desdobram têm consciência disso?

Sorrindo, Arnaldo falou:

— Podemos afirmar que nem todos se igualam no que concerne à manifestação do fenômeno mediúnico. A consciência deste lado de cá não é possibilidade de todos. Como Allan Kardec escreveu em O LIVRO DOS MÉDIUNS, a mediunidade é orgânica. Podemos entender isso da seguinte forma: quando o espírito reencarna com determinada tarefa a desempenhar com relação à

mediunidade, o seu perispírito passa a ser submetido a uma natural elevação da frequência vibratória, e, por conseguinte, o próprio corpo físico, que reflete as vibrações perispirituais, também é elaborado com vista às tarefas que desempenhará no futuro, no que se refere à mediunidade com Jesus. Dessa forma, podemos entender que aquele que é preparado para trabalhar tendo inconsciência do fenômeno, dificilmente poderá modificar essas disposições, pois seu organismo foi preparado para tal. Igualmente, aquele que foi preparado vibratoriamente para ter a consciência deste lado da vida, quando desdobrado, haverá de manifestar essa consciência no momento propício, quando seus mentores julgarem necessário, pois traz impressas em seu perispírito as vibrações necessárias que o habilitarão à consciência nas regiões espirituais. Mas isso tudo ainda é relativo, pois o homem atual ainda se conserva despreparado para certas tarefas, e, muitas vezes, estar consciente poderá dar ensejo a dificuldades maiores, devido à falta de preparo de muitos que se candidatam ao serviço.

”No caso de Francisco, é um velho conhecido nosso de tarefas semelhantes; procura estudar sempre e conserva-se ocupado em tarefas nobres e elevadas. Isso facilita-nos o trabalho, mas não quer dizer que, quando ele retomar ao corpo denso, irá lembrar-se de tudo, não! Não há necessidade disso. É bastante que desempenhe as suas tarefas com amor e dedicação. A maioria das pessoas hoje em dia aguarda obter experiências com viagens astrais para se convencerem de que a vida continua além da matéria. Esperam com isso poder fazer viagens mirabolantes a mundos diferentes, criando uma expectativa que possivelmente nunca irá se concretizar. Querem fazer viagens fora do corpo, mas isso acontece todas as noites quando dormem, e mesmo que pudessem realizar tal feito conscientemente, de que adiantaria? Ainda não aprenderam a realizar a viagem para dentro de si mesmos, para se conhecerem; a viagem do autodescobrimento, como é da proposta do Espiritismo. Precisam aprender a fazer a viagem da vida, de suas vidas, com dignidade e equilíbrio; do contrário, continuarão perdidos sem se conhecerem e sem conhecerem as leis da vida. Há muita conversa em tomo disso, e o bom mesmo seria que quem quisesse conhecer mais sobre o assunto se reportasse aos escritos de Allan Kardec. O que hoje se imagina mais atualizado a respeito dessas e outras coisas referentes às questões do espírito não passa de adaptação do que dizem os escritos de Kardec. Apenas trocaram os nomes para dar sabor de novidade. O problema

humano segue sendo sempre o mesmo".

— Mas como trocaram o nome? — Aventurei-me.

— Basta observar, Ângelo. Ao fenômeno mediúnico tão conhecido e explicado pela Doutrina Espírita, os autores modernos, apenas para se dizerem diferentes, deram o nome de *channeling* e aos médiuns denominaram *canais*. Aos espíritos deram o nome de consciências extrafísicas; o termo *encarnado* foi substituído, em alguns casos, por *intrafísico*. O fenômeno de desdobramento, tão conhecido desde épocas remotas e classificado por Allan Kardec, hoje recebe vários apelidos, como projeção da consciência, bilocação da consciência, viagem astral e outros nomes estranhos que o homem não cansa de criar , tentando passar a ideia de que são coisas diferentes, pois o seu orgulho não lhes deixa admitir que a universalidade do fenômeno e seus desdobramentos no psiquismo humano, de há muito, foram catalogados pela Doutrina Espírita e se encontram atualíssimos em O LIVRO DOS MÉDIUNS, que constitui o mais moderno tratado de ciências psíquicas da humanidade. Mudam apenas os nomes, mas o fenômeno continua sendo o mesmo.

Entendi o exposto e fiquei imaginando como o homem complica as coisas, de tal modo que passa a ser vítima de si mesmo, emaranhando-se em conceitos tão confusos que ele mesmo não sabe como sair deles.

A conversa estava mesmo interessante, mas a nossa equipe, acrescida da presença de Francisco, dirigia-se ao lar de Otávio, outro médium que Arnaldo conhecia e que poderia ser-nos útil na tarefa. O procedimento se realizou da mesma maneira, com a formação de um campo de força em tomo da residência do companheiro encarnado, enquanto o outro guardião se colocava de prontidão para a proteção do corpo físico de Otávio, que, desdobrado, vinha para o nosso lado auxiliar nas tarefas da noite.

Dirigimo-nos todos para a tenda, onde nos aguardavam os amigos espirituais Euzália e Anselmo, com o espírito de Erasmino desdobrado pelo sono físico.

7

Os guardiões e os caboclos

ERASMINO fora trazido para a tenda de Umbanda pela ação de Euzália, que, auxiliada também por uma equipe de guardiões que ficaram em sua residência, pôde trazê-lo até nós para as atividades que se realizariam. Anselmo modificou sua aparência perispiritual e manifestou-se à vidência de um dos médiuns da casa, convidando-o ao trabalho, como o preto-velho Pai Damião, tão querido por todos dali.

A equipe estava formada para a primeira parte do trabalho espiritual.

Erasmino foi colocado deitado em frente ao altar, numa maca estruturada com fluidos do nosso plano. Caboclos e pretos-velhos adentravam o ambiente sob a orientação de Euzália, a Vovó Catarina da tenda, que, bondosamente, ia indicando o que fazer. Envolvendo o médium desdobrado, Anselmo Pai Damião procedeu ao fenômeno de incorporação no plano espiritual, quando o perispírito do médium foi-se ajustando vibratoriamente ao do espírito que o orientava. O fenômeno era maravilhoso de se observar. A aparência externa do médium foi aos poucos se modificando, até assumir a mesma conformação de Damião, o velho africano que agora assumia as tarefas.

Erasmino, sonolento, não registrava a nossa presença, apenas ficava passivo ante aos acontecimentos. O espírito de um índio aproximou-se trazendo uma vasilha que continha uma espécie de remédio, que deu a Erasmino para beber. Imediatamente ele vomitou algo visguento e malcheiroso, que Euzália disse tratar-se de resíduos colocados pelas entidades das trevas em seu perispírito, a fim de provocar doenças físicas, que o distraíssem do verdadeiro problema.

Os guardiões ou exus foram chamados para realizarem outra tarefa.

Acompanhando Francisco e Otávio, iriam conosco até o reduto das trevas, para desativarem a base de operações deles. Necessitavam de médiuns encarnados, embora desdobrados, por possuírem ectoplasma, energia necessária para a desativação das bases das sombras. Deixamos Erasmino desdobrado aos cuidados de Euzália e sua equipe e fomos para a região astralina onde se localizava a base de operações das trevas.

Assim que chegamos, pudemos notar intensa movimentação nos arredores. Francisco e Otávio estavam tranquilos e muito seguros na realização da tarefa. Pensei que os habitantes daquela construção estavam sabendo da nossa visita e que haviam se precavido contra nós.

Novamente Arnaldo esclareceu a todos:

— A movimentação que presenciam é resultado dos trabalhos dos guardiões, que recrutaram seus amigos para auxiliarem na tarefa. Embora todo o movimento, como veem, comportam-se com a máxima disciplina e executam com rigor a sua tarefa.

Observei mais e vi uma grande quantidade de espíritos que se aproximavam furtivamente do prédio. Pareciam comandados por uma equipe que se colocava à frente, trazendo algo semelhante a um mapa, ora olhando para o prédio à frente, ora para o papel que tinham na mão. Longas fileiras de espíritos se colocavam em volta do edifício das trevas, em movimentos precisos, estudados e com o máximo de silêncio. Vestiam-se como soldados e traziam nas mãos uma espécie de tridente. Segundo fui informado, eram armas elétricas, que descarregavam energia e davam choques nos outros espíritos que haviam de ser capturados. Funcionavam com eletromagnetismo. Eram as mais eficazes contra as investidas das sombras. Tudo parecia uma operação de guerra.

Um dos guardiões aproximou-se de nós trazendo nas mãos dois instrumentos pequenos, que foram entregues a Francisco e Otávio. Eram duas *bombas mentais*, conforme esclareceram. Foram ajustadas na frequência vibratória dos dois médiuns e, assim que retomassem ao corpo físico, iriam explodir e desativar a base das sombras. Os médiuns não correriam nenhum risco, pois nós os acompanharíamos nas tarefas, e eles seriam escoltados de volta ao corpo físico com segurança.

Por sua vez, os espíritos não sofreriam nenhum mal; afinal, eram espíritos, e o efeito das bombas mentais seria um choque vibratório tão

profundo que queimaria as criações fluídicas do edifício, destruindo a base e desestruturando mentalmente seus habitantes por algumas horas, tempo suficiente para que os guardiões os recolhessem com suas redes magnéticas e os conduzissem para aos devidos lugares. Toda a operação fora preparada com esmero e nos mínimos detalhes.

Ao longe pude ver ser levantada uma espécie de rede que envolvia todo o prédio. O guardião esclareceu:

— Trata-se de uma medida de emergência. Não estamos lidando com espíritos comuns. São conhecedores de várias técnicas e têm em suas fileiras muitos que na Crosta foram cientistas, generais ou comandantes de tropas de guerra. A rede é para dar mais segurança a todos, principalmente aos médiuns. Caso alguns desses espíritos escapem com consciência do que está acontecendo, serão prisioneiros da rede, que os manterá vibratoriamente desarmados, sugando-lhes as energias. Mas se forem ajudados por fora, aqueles que se aproximarem das redes ficarão aí grudados como a mosca no mata-borrão e só se libertarão quando nós desligarmos as baterias. Esses espíritos são altamente perigosos; convém não arriscarmos.

Fiquei extasiado ante a organização dos guardiões e vi quanto eram úteis em qualquer trabalho que se realizasse nas regiões inferiores. Eram profundos conhecedores daqueles sítios e de seus habitantes. Isso justificava o hino que havíamos ouvido na tenda a respeito deles, que dizia mais ou menos o seguinte:

Sete, sete, sete,
ele é das sete encruzilhadas,
uma banda sem exu,
não se pode fazer nada.

São eles os verdadeiros exus da Umbanda, conhecidos como guardiões, nos subplanos astrais ou umbral. Verdadeiros defensores da ordem, da disciplina, formam a polícia do mundo astral, os responsáveis pela manutenção da segurança, evitando que outros espíritos descompromissados com o bem instalem a desordem, o caos, o mal. Têm experiência nessa área e se colocam a serviço do bem, mas são incompreendidos em sua missão e confundidos com demônios e com os quiumbas, os marginais do mundo astral.

Além, avistava-se a falange de espíritos de africanos, antigos escravos,

que se juntavam aos outros espíritos e traziam, cada um, um atabaque, espécie de tambor que costumavam utilizar quando estavam nas senzalas, para acompanhar os ritmos de seus cânticos sagrados. Esses espíritos formavam uma verdadeira legião com os corpos perispirituais seminus, formavam a segunda coluna de entidades que vinham para auxiliar nas tarefas. Aguardavam as ordens para entrarem em ação.

Após os preparativos, fomos com Francisco e Otávio para o interior do prédio. Mas se nós, os desencarnados de nosso plano, éramos invisíveis àqueles outros espíritos que se conservavam vibratoriamente distantes dos ideais superiores, os médiuns desdobrados tinham que colocar uma espécie de roupa, que se assemelhava a um escafandro, para evitar serem descobertos por algum recurso que os cientistas do mal houvessem desenvolvido.

Entramos no prédio conduzindo os dois médiuns. Arnaldo levou Francisco até certo lugar no andar térreo, enquanto eu levava Otávio para o último andar, tomando o cuidado de deixá-los à vontade para ajustarem os instrumentos que os guardiães lhes deram, com as vibrações pessoais. Após realizado o feito, deveriam permanecer por três minutos próximos ao local, em profunda concentração, pois, fixado em cada bomba mental, havia um dispositivo que acumulava certa quantidade de ectoplasma dos médiuns, necessário para o disparo dos elementos radioativos que iriam abalar as estruturas das trevas. Estávamos confiantes e orando intimamente.

Quem imagina que o trabalho dos espíritos é uma ação puramente mental, sem nenhum esforço, engana-se grandemente. Aqui deste lado aprendi que temos recursos que desafiam as melhores criações e invenções humanas e que são colocados a serviço da ordem, do bem e do equilíbrio geral. Temos possibilidades que podem ser aperfeiçoadas ao máximo. Por outro lado, aquele que se desvia do caminho elevado, optando por formas equivocadas de viver deste lado da vida, irá encontrar mentes que se afinam com ele, em processos infelizes de existência extrafísica, até que a lei divina de causa e efeito os faça retomar, pelo sofrimento, ao caminho da razão. Tudo depende dos objetivos que venhamos estabelecer para nós. As possibilidades são infinitas, e, diante do trabalho a realizar, não há lugar para separativismos, preconceitos descabidos ou pretensões de superioridade, pois, neste trabalho que desenvolvemos deste lado, a serviço do eterno Bem, a única bandeira que conhecemos é a da caridade, da fraternidade, da causa do Senhor da vida, seja Ele chamado de

Oxalá ou de Jesus.

Após os preparativos realizados sob a supervisão dos guardiões e de Arnaldo, retiramo-nos do prédio e encontramo-nos com os trabalhadores que estavam sob a orientação de um dos guardiões. Depois de nos certificarmos de que tudo estava ocorrendo de acordo com os planos, fomos informados de que deveríamos esperar, pois a própria Euzália iria estar presente na hora de realizar a desativação da base sombria.

A cena que se passou ante a nossa visão espiritual era verdadeiramente digna de registro para os nossos irmãos encarnados. Euzália vinha em nossa direção envolvida em suave luz, que a distinguia dos outros espíritos. Falou-nos brevemente que estava se aproximando do prédio o espírito responsável pela desdita de Erasmino e que deveríamos esperar mais um pouco, pois ela gostaria que ele fosse capturado e conduzido para uma casa espírita, onde poderia passar pela terapia espiritual que normalmente é chamada de desobsessão, enquanto ela e seus trabalhadores ficariam responsáveis pela falange de espíritos mais perigosos, encaminhando-os, no devido tempo, para o tratamento adequado, numa casa espírita ou numa tenda umbandista.

Aproximou-se o espírito que esperávamos: um senhor de certa idade, que expressava na fisionomia o rancor e o ódio, de tal forma que sua aura se expressava em cores negra e cinza, com matizes de vermelho vivo. Adentrou o prédio sem, contudo, perceber-nos a presença, pois só tinha diante de si a vingança e o ódio, que o tomava cego para qualquer outra coisa.

A um sinal de Euzália, os dois médiuns, Francisco e Otávio, foram reconduzidos ao corpo físico por dois guardiões e por Arnaldo, enquanto eu fiquei observando e anotando as cenas que se passavam neste plano da vida.

Novamente Euzália deu um sinal, levantando uma das mãos, e, contornando a multidão de guardiões, vieram de todos os lados as falanges de caboclos, índios e outros espíritos que trabalhavam sob a orientação dela, tomando conta daquela paisagem espiritual como se fosse um acampamento de guerra, preparados para qualquer eventualidade.

Os atabaques soaram todos a uma só vez, e o resultado foi que um tremor cada vez mais intenso abalou toda a região, como se um terremoto de grandes proporções tivesse ali o seu epicentro. Os espíritos de antigos escravos faziam a sua parte e, com cânticos pronunciados com cadência e numa linguagem desconhecida para mim, começaram o trabalho de desarticulação da

base das sombras.

A visão era maravilhosa, e cada um dos espíritos, os caboclos da tenda, estava envolvido em luzes de matizes variados, como reflexos de um arco-íris, iluminando as cercanias daquela paisagem umbralina, que, neste momento, se mostrava como palco de uma atividade de grandes consequências para todos nós. Fiquei emocionado com a visão dos caboclos.

Euzália baixou a mão no exato momento em que os médiuns assumiam seus corpos físicos e ativavam com suas vibrações as bombas mentais, que começaram a fazer efeito. Foi tudo muito rápido e organizado.

Primeiramente começou uma espécie de fogo ou energia radiante, que consumia a construção de baixo para cima e de cima para baixo, desfazendo a estrutura imponente e provocando o desmoronamento da construção fluídica. Parecia uma fornalha atômica em expansão. Depois pudemos observar descargas magnéticas e elétricas que saíam do interior do prédio em destruição, e toda a paisagem em volta do que restava da construção das sombras era literalmente queimada pela ação eficaz das descargas de energias. Acima do edifício, viam-se formas-pensamento esvoaçando e sendo queimadas pelo fogo etérico que a tudo devorava e desfazia, promovendo o saneamento da atmosfera psíquica ambiente.

Eram tão fortes os efeitos magnéticos que, no plano físico, os encarnados puderam ver uma imensa tempestade que se abatia sobre a região da cidade onde, em correspondência, estava localizada o reduto das trevas. Raios e trovões descarregavam-se na atmosfera física e espiritual daquele lugar, enquanto chuva torrencial descia das nuvens, sob a região física correspondente à vibração do local. O rio da capital estava ameaçando ultrapassar suas margens com a tempestade imprevista, mas não somente as águas das chuvas, como também os fluidos deletérios acumulados pelas mentes invigilantes dos homens na psicosfera da cidade, estavam sendo despejados naquelas águas revoltas e lamacentas do rio, para serem absorvidas depois pelo solo abençoado do planeta, onde seriam destruídas as criações mentais inferiores.

Grande quantidade de espíritos saía correndo dos escombros da construção no desespero que os invadia. Seres apavorados tentavam escapar, enquanto os guardiões apertavam o cerco com suas lanças e tridentes de energia, contendo qualquer tentativa de fuga.

Os outros espíritos, que se apresentavam como caboclos, vinham velozes do alto, como que cavalgando sobre nuvens fluídicas, impondo respeito e pavor àqueles espíritos que não esperavam uma ação conjunta que destruísse suas atividades. Era de uma beleza indescritível a cena geral. Ao comando de Euzália, a Vovó Catarina da tenda de umbanda, as redes foram ativadas, enquanto a falange das trevas saía em debandada e desfalecia ante a visão aterradora de guardiães e caboclos que lançavam suas flechas de energia e seus dardos magnéticos, desarmando a legião das trevas.

Nunca vivenciei tão grandes ações deste lado da vida, desde que aqui cheguei. A natureza parecia estar satisfeita com o saneamento do ambiente astral, e, do lado dos encarnados, as pessoas corriam para todos os lados, para se protegerem da tempestade que se abateu sobre a cidade de São Paulo, parecendo querer destruir tudo e todos. Era o resultado das descargas energéticas que foram acionadas para o saneamento da atmosfera local. Essas descargas desencadearam forças da natureza, que nos auxiliaram na derrocada dos poderes das trevas. Os acontecimentos deixaram como lição que qualquer expressão de poder que não esteja alicerçado no bem, na caridade e na fraternidade legítima é meramente obra transitória na paisagem do mundo, podendo a qualquer hora ser desfeita para ser substituída por expressões mais equilibradas e de acordo com as leis da Vida Maior.

Todos os espíritos que participaram daquela empreitada estavam sob a orientação de Euzália. Eram espíritos cujas experiências foram colocadas a serviço de uma causa nobre e elevada e que conservam suas próprias maneiras de agir, seus métodos, que, embora não estejam de acordo com o que pensam muitos, são de eficácia comprovada. Após terem reunido os representantes das trevas num determinado local, todos se ajoelharam para orar e agradecer o Pai Grande — a Suprema Consciência Universal, Deus.

8

A origem da Umbanda

MUITOS espíritos foram aprisionados em campos de contenção magnética e conduzidos para lugar específico, onde seriam esclarecidos quanto a certas leis do mundo espiritual, suas responsabilidades e deveres ante a própria vida. Aqueles que estavam ligados ao caso de Erasmino foram levados para a tenda, onde aguardavam Euzália e sua equipe, que conversariam com eles. Euzália, por sua vez, nos pediu humilde:

— Meus filhos, vocês sabem que estas ações mais ou menos pesadas, que são realizadas nos subplanos astrais, são uma especialidade desses espíritos que conosco militam nas falanges abençoadas da Umbanda. Muitas vezes realizamos ação conjunta com os mentores e orientadores de outras linhas de atividades, como a dos nossos irmãos espíritas. No entanto, temos dificuldades quanto a muitos centros espíritas, que ainda guardam reservas quanto aos nossos trabalhadores, que se manifestam como caboclos ou pretos velhos. Assim sendo, gostaríamos de rogar aos companheiros que nos auxiliem, conduzindo alguns espíritos para as reuniões de tratamento desobsessivo nas mesas espiritistas pois, se forem conduzidos aos nossos núcleos umbandistas, encontraremos dificuldades para o seu esclarecimento. Ainda guardam preconceitos em relação aos nossos rituais e métodos de trabalho, o que não lhes condenamos; por isso, requerem outras formas de despertamente de suas consciências, e acredito que para isso a doutrina espírita tem recursos imensos. Enquanto vocês os conduzem para a terapia espírita nós iremos tomar conta dos espíritos que se fazem acessíveis às nossas atividades espirituais e dos que necessitam de métodos mais drásticos de aprendizado para o seu despertamento. Neste caso, segundo acreditamos em nossa tenda, a Umbanda é

especializada, pois muitos encarnados e desencarnados não conseguem acordar para a realidade espiritual apenas com o esclarecimento tal como ocorre em muitas casas espíritas. Acredito que podemos trabalhar em conjunto, visando ao mesmo objetivo, que é a elevação moral de nossas almas.

— Com certeza, minha irmã — falou Arnaldo. — Faremos o possível para conduzir essas almas equivocadas ao caminho do bem. No entanto, se nos permitir, gostaríamos de permanecer aqui, por enquanto, a fim de aprender um pouco mais com os companheiros espirituais.

— Ah! Meu filho! Se o próprio Senhor nosso não faz distinção entre as pessoas, mas abraça-nos com seu amor incondicional, como posso eu, uma simples servidora, impedir que trabalhem na vinha do único Mestre de todos nós? Permaneçam à vontade, meus filhos. Somos todos da mesma família espiritual. Estamos aprendendo sempre.

Ante a conversa com Euzália ou Vovó Catarina, fiquei a pensar na elevação daquele espírito, que assumia a condição de uma humilde preta velha, para desempenhar sua tarefa de amor em benefício do próximo. Quantos não encontraram em suas palavras o lenitivo para as suas dores, o consolo para suas aflições? Quantos não a julgaram ignorante pela sua aparência singela? Quantos não entenderam sua sabedoria e a de seus trabalhadores? Quantos não se decepcionariam ante a sua autoridade espiritual?

Desejaria conhecê-la melhor, sua vida de abnegação e sacrifício, mas a tarefa que tínhamos pela frente não permitiria que me detivesse, no momento, para esclarecer essas questões.

Erasmino foi reconduzido ao corpo físico e, segundo Anselmo, já estava livre das redes que haviam colocado em seu cérebro perispiritual. Apenas mantinha algumas ligações fluídicas com o seu verdugo espiritual, as quais seriam em breve liberadas, quando ele viesse à tenda de Umbanda. A equipe de magnetizadores e psicólogos das trevas seria conduzida a um agrupamento espírita onde se submeteria à terapia espiritista; outras entidades envolvidas no caso estavam sob os cuidados de guardiões e caboclos, que, com certeza, tinham condições de orientá-los.

Pensativo, dirigi-me a um canto da tenda para orar e meditar um pouco em quanto estava aprendendo. Pensava muito no trabalho muitas vezes incompreendido da Umbanda, principalmente no Brasil, quando fui abordado por Anselmo, que veio esclarecer-me:

— Pois é, meu companheiro! Muitos ignoram certas verdades e nos julgam apressadamente, sem conhecer-nos os ideais. A Umbanda atualmente enfrenta muitas dificuldades, principalmente em relação à ignorância de muitos pais-de-santo e de muitos chefes de terreiro, que manipulam os adeptos de forma menos digna. Enganam as multidões e a si mesmos, julgando que estão praticando Umbanda, quando, na realidade, são instrumentos de espíritos que às vezes não têm o mínimo conhecimento de questões espirituais. Mas a Umbanda permanece como expressão da Lei Maior em benefício dos aflitos, dos cansados e dos oprimidos dos dois lados da vida.

— Mas poderia me esclarecer qual a verdadeira natureza e origem da Umbanda? Às vezes se é mal informado a respeito, e confunde-se muito Umbanda com Espiritismo. A ignorância a respeito é generalizada.

— Pois bem, Ângelo, tentarei trazer um pouco de luz sobre o assunto, embora não pretenda esgotá-lo.

"Desde que os negros foram tirados de sua terra, na África, vieram para o Brasil com o rancor e o ódio em seus corações, pois muitos foram enganados pelo homem branco e feitos prisioneiros e escravos, feridos em sua dignidade, distantes da pátria e dos que amavam. Foram transcorrendo os anos de lutas e dores, e o negro mantinha, em seus costumes e na religião, a invocação das forças da natureza, as quais chamavam de orixás, espécie de deuses a quem cultuavam com todo o fervor de suas vidas. Aprenderam com o tempo a se vingar de seus senhores e déspotas, através de pactos com entidades perversas e com a magia negra, que outra coisa não era senão as energias magnéticas empregadas de forma equivocada. Dessa maneira, o culto inicial aos orixás foi-se transformando em métodos de vingança, em pactos com entidades trevosas, que assumiam o papel dessas forças da natureza ou orixás, disseminando o que se chamava de Candomblé, que, na época, era um disfarce para uma série de atividades menos dignas no campo da magia.

"Com o tempo, foi-se formando uma atmosfera psíquica indesejável no campo áurico do Brasil, que havia sido destinado a ser a pátria do evangelho redivivo, onde estava sendo transplantada a árvore abençoada do Cristianismo pelas bases eternas do Espiritismo. A psicosfera criada no ambiente espiritual da nação foi de tal maneira violenta, que entidades ligadas aos lugares de sofrimento nas senzalas encarnavam e desencarnavam conservando o ódio nos corações, com exceção daquelas que entendiam o aspecto espiritual da vida.

Assim, a magia negra foi se espalhando em forma de culto pelas terras brasileiras. Do norte ao sul do país, as oferendas, os despachos ou os ebós eram oferecidos pelos pais-de-santo, pelos mestres do Catimbó ou de outros cultos que proliferavam a cada dia, criando uma crosta mental sobre os céus da nação.

"Nos planos etéreos da vida, reuniram-se então entidades de alta hierarquia com o objetivo de encontrar uma solução para desfazer a egrégora negativa que se formava na psicosfera do Brasil. A magia negra deveria ser combatida, e seus efeitos destrutivos haveriam de ser desmanchados de maneira a transformar os próprios centros de atividades dos cultos degradantes em lugares que irradiassem o amor e a caridade, única forma de se modificar o panorama sombrio. Havia necessidade de que espíritos esclarecidos se manifestassem para realizar tal cometimento. E, assim, foram se apresentando, uma a uma, aquelas entidades iluminadas que haveriam de modificar suas formas perispirituais, assumindo a conformação de pretos-velhos e caboclos, e levariam a mensagem de caridade através da Umbanda, cujo objetivo inicial seria o de desfazer a carga negativa que se abatia sobre os corações dos homens no Brasil. A Umbanda seria o elo de ligação com o Alto; penetraria aos poucos nos redutos de magia negra ou nos terreiros de Candomblé, os quais ainda se mantinham enganados quanto às leis de amor e caridade, e iria transformando, com as palavras de um preto-velho ou as advertências do caboclo, os sentimentos das pessoas. E, para isso, meu amigo, era necessário que elevados companheiros da Vida Maior renunciassem a certos métodos de trabalho considerados mais elevados e se dedicassem às atividades que a Umbanda se propunha. A esses companheiros de elevada hierarquia espiritual juntaram-se espíritos de antigos escravos e índios, que serviram por muito tempo nas fazendas e nos arraiais da Terra do Cruzeiro e, em sua simplicidade e boa vontade, propuseram-se a trabalhar para demonstrar ao homem branco e civilizado as lições sagradas da Umbanda. Manifestavam-se aqui e acolá ensinando suas rezas, mandingas e beberagens, auxiliando a curar doenças e dando lições de amor e humildade. Na verdade, a Umbanda tem conseguido seu intento, e, aos poucos, vão sumindo dos corações dos oprimidos o desejo de vingança, o ódio e o rancor. Os cultos afros, em sua essência, vão se transformando, auxiliando o progresso daqueles que sintonizam com tais expressões de religiosidade. A Umbanda está modificando o aspecto desses cultos de origem africana e transformando-os gradativamente,

numa religião mais espiritualizada.

"Na palavra de um caboclo ou de um preto-velho, a lei de causa e efeito é ensinada por meio de Xangô, que simboliza a justiça; a reencarnação toma-se mais compreensível às pessoas mais simples quando o preto fala de sua outra vida como escravo e da oportunidade de voltar à Terra em novo corpo, para ajudar seus filhos. A força das matas, das ervas, é ensinada na fala de Oxóssi; o amor é personificado em Oxum, e a força de transformação, a energia de vitalidade, é apresentada nas palavras de Ogum.

"Mas há muito ainda que fazer, muito trabalho a realizar. Nossa explicação não esgota o assunto, mostra apenas um aspecto da Umbanda, que guarda suas raízes em épocas muito distantes no tempo. Agora não temos muito tempo para falar sobre isso."

Mas, curioso como sou, não deixaria passar a oportunidade e não me fiz de rogado, perguntando mais a Anselmo, que me respondia com boa vontade.

— E quanto a esses pais-de-santo e centros de Umbanda que se espalham pelo país, será que estão conscientes disso tudo?

— Não podemos esperar a mesma compreensão por parte de todos, meu filho — respondeu-me.

— Existe muita ignorância no meio, e os próprios responsáveis pelos terreiros e pelas tendas umbandistas concorrem para que o povo tenha uma ideia errada da Umbanda. Em seus fundamentos, a Umbanda nada tem a ver com o Espiritismo, o que não é bem esclarecido nos meios umbandistas. Começa aí a confusão. Tomou-se emprestado o nome *espírita*, como se ele designasse todas as expressões de mediunismo, e descaracterizou-se muito a Umbanda. Por outro lado, espíritos têm baixado ao mundo com a missão de esclarecer e de certa forma dar um corpo doutrinário à Umbanda, escrevendo livros sérios a respeito do assunto, os quais são ignorados por muitos adeptos. Aos poucos, a verdade irá se espalhando, e, quem sabe, num futuro próximo haveremos de ver abolidos os sacrifícios de animais, as oferendas e uma série de outras coisas que nada têm a ver com a Umbanda, mas com outras expressões de cultos de origem afro, os quais são respeitáveis, mas diferem em seus objetivos da verdadeira Umbanda.

"Pais e mães-de-santo que vivem enganando as pessoas, ciganas e ledoras de sorte que cobram por seus *trabalhos*, não têm nenhuma relação com os objetivos elevados que os mentores da Umbanda programaram. São pessoas

ignorantes das verdades eternas e responderão ao seu tempo por suas ações inescrupulosas.

"A caridade é lei universal, e nós que trabalhamos nas searas umbandistas devemos ter nela o guia infalível de nossas atividades. Assim como nem todos os centros espíritas que dizem adotar a codificação de Allan Kardec são, na realidade, espíritas, também muitas tendas e terreiros não representam os conceitos sagrados da Umbanda. Acredito que Allan Kardec permanece ainda grandemente desconhecido entre aqueles que se dizem adeptos da doutrina espírita, como também você poderá notar que muitos umbandistas permanecem ignorantes das verdades e dos fundamentos de sua religião. Temos que trabalhar unidos pelo bem e esperar; o tempo haverá de corrigir todos os equívocos de nossas almas, através das experiências que vivenciarmos."

— Mas você acha, meu irmão, que é possível o trabalho conjunto entre os espíritos espíritas e os umbandistas?

— Perfeitamente, Ângelo. A presença de vocês aqui é uma prova disso. Da mesma forma, temos muitos dos nossos trabalhando nos centros kardecistas, auxiliando aqui e ali, nos trabalhos de cura e desobsessão. O fato de nós trabalharmos em conjunto não nos faz robôs, não pensamos de maneira idêntica. Guardamos a nossa opção íntima, e, afinal — disse, sorrindo — nisso está a verdadeira fraternidade, que nos amemos uns aos outros e respeitemos as convicções pessoais, pois, se os métodos de trabalho se multiplicam ao infinito, o Senhor da vinha permanece sendo um só, Jesus ou Oxalá.

Abraçou-me o companheiro espiritual, e saímos alegres para a tarefa que nos aguardava.

9

Apontamentos

APROVEITANDO o tempo que se fizera mais propício, alarguei a minha habitual curiosidade e propus ao companheiro espiritual que me orientasse em certas questões, a fim de que eu pudesse mais tarde transmitir esses conhecimentos aos encarnados. Ele não se fez de rogado; então comecei o meu interrogatório:

— Quanto aos banhos e ervas de defumações utilizadas pelos umbandistas, haverá algum fundamento científico nisso tudo?

— Fundamento, há, meu amigo Ângelo, embora nem sempre as pessoas que se beneficiem desses recursos o saibam. Tomemos como exemplo os chamados banhos de descarrego, tão receitados por pretos-velhos e caboclos. Você sabe muito bem do poder das ervas, de seu magnetismo próprio. Quando são utilizadas adequadamente, podem operar verdadeiros prodígios, gerando equilíbrio e harmonia. As plantas guardam nesse estado de evolução, muita energia, muita vitalidade, e os raios absorvidos do sol no processo de fotossíntese formam uma aura particular em cada família do reino vegetal, o que se associam ao próprio quimismo da planta. Quando colocadas em infusão, transmitem à água todo o seu potencial energizante, curador, reconstituinte. É o que se passa com os florais usados atualmente. Quando o adepto toma o banho com a mistura de ervas, todo o magnetismo que está ali associado provoca, em alguns casos, um choque energético ou uma reconstituição das camadas mais externas de sua aura. Na verdade, isso não tem nenhuma relação com o misticismo; é científico. Sob a influência abençoada das ervas, muitos benefícios têm sido alcançados por inúmeras pessoas.

"Irmãos nossos de outras confissões religiosas, mesmo os espíritas,

julgam que tais providências são um absurdo e recusam qualquer receituário que venha com tais indicações. Estão até indo contra os métodos empregados pelo mestre Allan Kardec, pois recusam-se a pesquisar, questionar, certificar-se cientificamente dos efeitos benéficos desses recursos da natureza. A própria essência do Espiritismo é a pesquisa, a comprovação dos fatos. Mas recusam-se a pesquisar, a comprovar, e muitos reputam como misticismo algumas práticas. Felizmente, na atualidade, muitos cientistas têm levado a sua contribuição com a descoberta dos florais, que obedecem ao mesmo princípio terapêutico dos nossos chás e banhos de ervas. No caso das defumações empregadas na Umbanda, o princípio é o mesmo, mas em lugar de empregar as ervas em infusão, elas são queimadas. Na queima, suas propriedades terapêuticas são transferidas ou utilizadas de forma energeticamente pura, ou seja, o fogo, a combustão, transforma a matéria em energia; isso é uma lei da física, e quando determinada erva é queimada, sua parte astral ou etérica passa a concentrar, além de seu potencial próprio, o potencial da parte física, que é transformado no momento da combustão. O produto obtido, aliado ao fluidos dos espíritos que sabem manipular tais recursos, são de eficácia comprovada em casos de parasitismos, simbioses e larvas astrais, que são literalmente *arrancadas* de seus hospedeiros encarnados. Isso ocorre pela ação conjunta dos fluidos liberados na ocasião da queima das ervas, nas defumações. Mesmo que alguns ou muitos não aceitem tais recursos, não significa que não sejam eficazes. Basta que sejam feitas observações, com métodos científicos, e tudo será comprovado. Neste caso, também, não se trata de misticismo, mas de puro conhecimento de certas propriedades dos elementos vegetal, mineral ou animal, a serviço do bem aos semelhantes.

10

Libertando-se do jugo

NO OUTRO DIA, à noite, tive a surpresa de ver Erasmino na sessão da tenda. Estava quieto e cabisbaixo ao lado de D. Niquita, sua mãe, e de Ione, que neste momento se encontrava muito alegre, por haver conseguido, de alguma forma, ajudar a amiga. Erasmino conservava-se arredio e quase se levantou para ir embora quando todos começaram a cantar os pontos dos guias.

O salão encheu rapidamente, e, ao som dos cânticos devocionais, as entidades iam assumindo seus médiuns ou *cavalos*, como alguns costumavam falar. Após atender algumas pessoas, Vovó Catarina e Pai Damião, através de seus médiuns, chamaram D. Niquita e Erasmino e conversaram com ambos em particular, explicando aspectos dos trabalhos realizados anteriormente. Vovó Catarina, a nossa querida Euzália, ao conversar com Erasmino, pediu aos presentes para cantarem um ponto, o hino dos pretos velhos:

Vovó não quer casca de coco no terreiro,
Vovó não quer casca de coco no terreiro,
Só pra não se lembrar dos tempos do cativeiro...
Só pra não se lembrar dos tempos do cativeiro...

Ao som do ponto cantado, a bondosa entidade ia conversando com ele. Acreditamos que foi a tal ponto esclarecedora a mensagem espiritual, que vimos aos poucos como Erasmino, ajoelhado aos pés da preta-velha, desmanchou-se em pranto convulsivo, e a entidade, amparando-o nos braços amigos, aplicou-lhe um passe com seus ramos de alfazema. O nosso amigo adormeceu ali mesmo, sendo conduzido por integrantes da casa a um aposento próximo, onde foi colocado numa maca.

As entidades comunicantes dirigiram-se para onde estava Erasmino, incorporadas em seus médiuns, e pudemos presenciar o que na Umbanda se chama de descarrego.

No perispírito de nosso pupilo ainda restavam alguns fios fluídicos, que estavam ligados ao plexo solar, e energias pesadas ainda estavam agregadas à aura do enfermo espiritual, produzindo sintomas depressivos e desmaios constantes.

Foram trazidas algumas ervas, que foram queimadas em local apropriado, e aliado ao efeito etérico da queima das plantas, foram aplicados pelos espíritos jatos de fluidos de grande intensidade, que literalmente expurgaram de Erasmino o restante das energias mórbidas. Durante os cânticos e as rezas, saía das mãos dos médiuns imensa quantidade de energia, que revigorava as forças do nosso amigo, a tal ponto que ele acordou e, em meio a tudo que acontecia, fez menção de se levantar da maca, sendo detido pela mão vigorosa da entidade que atendia pelo nome de Caboclo das Sete Encruzilhadas, um dos trabalhadores espirituais da tenda.

O caboclo, incorporado ao médium, colocou as mãos sobre a cabeça do assistido e concentrou-se intensamente. Da cabeça do médium partiram fios coloridos que erravam pelo ambiente e saíam da casa singela, indo ao encontro de outro espírito, que aguardava sob o domínio dos guardiões a hora de ser chamado. Era o que denominavam na Umbanda de *puxada*. O caboclo afastou-se do médium e outro espírito assumiu; desta vez não era um trabalhador da tenda, mas a entidade obsessora que perseguia Erasmino. Vovó Catarina impôs-se à entidade; enquanto Pai Damião, o nosso irmão Anselmo, pedia à assistência no salão que mantivesse o ritmo dos pontos cantados, a fim de auxiliarem na tarefa.

A entidade obsessora se manifestava com todos os sintomas de desequilíbrio, envolvendo o médium em vibrações pesadíssimas e tentando a todo custo libertar-se do domínio de Euzália.

Esta, como Vovó Catarina, projetava energias sobre o córtex cerebral do médium e, juntamente com os caboclos, promovia a despolarização da memória espiritual da entidade, localizando-a em outra época, em outra encarnação, desarmando-a por completo e adormecendo-a para ser depois conduzida para Aruanda, segundo nos falou mais tarde.

Erasmino levantou-se um pouco assustado, mas, com certeza, sentia-se

mais aliviado, como se uma carga houvesse sido arrancada de suas costas. Estava relativamente livre e esperava não precisar voltar mais ali, pois, apesar de haver sido beneficiado, não nutria nenhuma simpatia por tudo aquilo. Queria ir embora urgentemente.

— Calma, meu filho! — falou Vovó Catarina. As coisas não são assim como você pensa, não! Agora vamos conversar um pouco mais.

Erasmino ficou assustado com o tom de voz da entidade, que continuou:

— Na vida, meu fio, as coisas toda obedece a uma sintonia. Nada acontece sem que nóis deva algo à própria vida. Isto tudo aconteceu a ocê para que despertasse desse sono que ameaça sua vida. Nosso Pai Oxalá dá, mas também tira. Ocê precisa se inteira de certas coisas, pois o que foi tirado de ocê foi apenas pra que ocê aproveite o seu tempo e prepare o seu coração. Ocê vai ter que estudar muito, meu fio, e trabalhar também. A caminhada é muito longa, e só depois de muito penar é que nóis podemo afirmar que estomo apenas começando. Eu sei que ocê não gosta da nossa banda, isso ocê não consegue disfarçar, não! Por isso, essa nega veia vai indicar a ocê que estude alguns livros muito importantes. E posso garantir que, se ocê não estudar e se preparar no coração, as coisa pode volta, e quem sabe Deus como ocê se encontrará? Pois bem, meu fio, ocê segue em paz, que a força de nosso Pai Oxalá proteja os seus passo e a nossa mãe Maria Santíssima dirija seus pé no caminho da paz.

Chamando outro médium, a entidade indicou alguns livros para o rapaz estudar: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO e O LIVRO DOS ESPÍRITOS, ambos de Allan Kardec, e falou para todos ouvirem:

— Num assustem não, meus fios, acontece que cada um deve ir aonde manda o seu coração. O nosso irmão não se sente à vontade com nossos trabalhos, por isso, nega veia enviou ele para os cuidados de outros companheiros espirituais. Deus abençoa que ele desperta logo e começa a sua tarefa, senão nóis num podemo garantir nada pra ele. Tem que mudar o coração.

Despedindo-se dos médiuns e assistentes, retirou-se a entidade ao som do ponto que, cantado, dizia:

A Aruanda é longe, e ninguém vai lá;
A Aruanda é longe, e ninguém vai lá;
É só os preto-velho que vai lá e torna a voltar...

Os trabalhos da noite terminaram. Após conversar com Erasmino, D. Niquita retirou-se com ele e Ione, e, deste lado da vida, ficamos nós, observando por quais caminhos iria o nosso irmão.

Curioso como sempre, ia aventurar-me a perguntar a Arnaldo alguma coisa, quando ele mesmo falou, adivinhando meus sentimentos e pensamentos:

— Aruanda, meu amigo, significa, hoje, o plano espiritual onde se reúnem os espíritos responsáveis pelos trabalhos da Umbanda. É um plano belíssimo e também é uma colônia espiritual, para onde são conduzidos espíritos para serem recambiados ao caminho do bem, sob as bênçãos e orientações de pretos velhos e caboclos, que se apiedam de nossos irmãos encarnados e desencarnados, servindo como instrumentos de Deus para o despertamento de seus filhos.

Calei-me momentaneamente para digerir os ensinamentos e experiências que tivera naquela semana de atividades. A noite salpicada de estrelas mostrava-nos Amanda, a pátria espiritual dos filhos da Umbanda.

11

Tambores de Angola

"**ERA NOITE**. Naquele tempo não tínhamos as luzes da civilização. O gemido do negro no posto do martírio fazia com que todos temêssemos por nossas vidas. Ninguém estava seguro. Sinhazinha era temida por toda a negrada, e muitas e muitas noites nós passamos ao relento, sem ao menos ter a chance de dormir dentro das senzalas. Era o nosso castigo por sermos negros. Quitéria era uma noite muito bonita e por causa dela todos nós sofríamos.

"Nas noites tristes das senzalas, ouvia-se o som dos nossos tambores. Os tambores de Angola, nossa terra, que talvez nunca mais veríamos. Ah! Como era duro ser negro naqueles dias. Nosso destino era servir. Servir até a morte.

"Os tambores tocavam o ritmo cadenciado dos orixás, e nós dançávamos. Dançávamos todos em volta da fogueira improvisada ou à luz de tochas ou velas de cera que fazíamos. A comida era pouca, mas para passar a fome nós dançávamos a dança dos orixás. E assim, ao som dos tambores de nosso povo, nos divertíamos, para não morrer de tristeza e sofrimento. Eu era chamada de feiticeira. Mas eu não era feiticeira, era curandeira. Entendia de ervas, com as quais fazia remédio para o meu povo; além disso eu era a parteira para o povo de Angola, que estava errando naquela terra de meu Deus. Até que Sinhazinha me tirou do meu povo. Ela não queria que eu usasse meus conhecimentos para curar os negros, somente os brancos; afinal, negro – dizia ela – tinha que trabalhar e trabalhar até morrer. Depois, era só substituir por outro. Mas Dona Moça não pensava assim. Ela gostava de mim, e eu, dela. Fui jogada num canto, separada dos outros escravos, e todas as noites eu chorava ao saber que meu povo sofria e eu não podia fazer nada para ajudar. De dia eu

descascava coco e moía café no pião. À noite eu cantava sozinha, solitária. E ouviu o canto triste do meu povo, de longe. Ouvia o lamento dos negros de Angola pedindo a Oxalá a liberdade, que só depois nós entendemos o que era. E os tambores tocavam o seu lamento triste, o seu toque cadenciado, enquanto eu respondia do meu cativeiro com as rezas dos meus orixás. A liberdade, que era cantada por todos do cativeiro, só mais tarde é que nós a compreendemos. A liberdade era de dentro, e não de fora.

"Aqueles eram dias difíceis, e nós aprendemos com os cânticos de Oxóssi e as armas de Ogum o que era se humilhar, sofrer e servir, até que nosso espírito estivesse acostumado tanto ao sofrimento e a servir sem discutir, sem nada obter em troca, que, a um simples sinal de dor ou qualquer necessidade, nós estávamos ali, prontos para servir, preparados para trabalhar. E nosso Pai Oxalá nos ensinou, em meio aos toques dos tambores na senzala ou aos chicotes do capitão, que é mais proveitoso servir e sofrer do que ser servido e provocar a infelicidade dos outros.

"Um dia, vítima do desespero de Sinhá, eu fui levada à noite para o tronco, enquanto meus irmãos na senzala cantavam. A cada toque mais forte dos tambores, eu recebia uma chibatada, até que, desfalecendo, fui conduzida nos braços de Oxalá para o reino de Aruanda. Meu corpo, na verdade, estava morto, mas eu estava livre, no meio das estrelas de Aruanda. Em meu espírito não restou nenhum rancor, mas apenas um profundo agradecimento aos meus antigos senhores, por me ensinar, com o suor e o sofrimento, que mais compensa ser bom do que mau; sofrer cumprindo nosso dever do que sorrir na ilusão; trabalhar pelo bem de todos do que servir de tropeço. Eu era agora liberta, e nenhum chicote, nenhuma senzala poderia me prender, porque agora eu poderia ouvir por todo lado o barulho dos tambores de Angola, mas também do Kêtu, de Luanda, de Jêje e de todo lugar. Em meio às estrelas de Aruanda eu rezava. Rezava agradecida ao meu Pai Oxalá".

Assim a companheira Euzália, a querida Vovó Catarina, contou a sua história da época do cativeiro e a sua libertação do jugo tirano. E continuando, falou:

— Fui pra Aruanda, lugar de muita paz! Mas eu retornei. Pedi a meu Pai Oxalá que desse oportunidade pra eu voltar ao Brasil pra poder ajudar a Sinhá, pois ela me ensinou muita coisa com o jeito dela nos tratar. E eu voltei. Agora as coisas pareciam mudadas. Eu não era aquela *nêga* feia e escrava. Era filha de

gente grande e bonita, sabia ler e ensinava crianças dos outros. Um dia bateu na minha porta um homem com uma menina enjeitada da mãe. Era muito esquisita, doente e trazia nela o mal da lepra. Tadinha! Não tinha pra onde ir, e o pai desesperado não sabia o que fazer. Adotei a pobre coitada, fui tratando aos poucos e, quando me casei, levei a menina comigo. Cresceu, deu problema, mas eu a amava muito. Até que um dia ela veio a desencarnar em meus braços, de um jeito que fazia dó. Quando eu retomei pra Aruanda, o que vocês chamam de plano espiritual, ela veio me receber com os braços abertos e chorando muito, muito mesmo. Perguntei por que chorava, se nós duas agora estávamos livres do sofrimento da carne, então, ela, transformando-se em minha frente, assumiu a feição de Sinhazinha! Ela era a minha Sinhá do tempo do cativeiro. E nós duas nos abraçamos e choramos juntas. Hoje, trabalhamos nas falanges da Umbanda, com a esperança de passar a nossa experiência pra muitos que ainda se encontram perdidos em suas dificuldades.

A história de Euzália era um verdadeiro poema de amor. Com certeza, aquele espírito bondoso alcançou uma força moral tal que lhe facultou a oportunidade de dirigir aquele agrupamento fraterno.

Aproveitando o ensejo, procurei saber de Euzália a respeito dos costumes de pais e mães-de-santo, que fazem uma preparação com seus *filhos*, raspando-lhes a cabeça ou *firmando* o santo, como falam nos terreiros. Ela esclareceu-me com boa vontade:

— Esse costume, meu filho, se reporta aos cultos de Candomblé e não propriamente à Umbanda. Mas nós reconhecemos que a verdadeira preparação é a vida moral elevada, que é de um valor inquestionável em qualquer seara que o filho de Deus se encontra. Mas outros companheiros, que guardam suas raízes nos cultos de Candomblé e estão numa fase de transição para a Umbanda, continuam com alguns costumes, que tentam manter a todo custo, embora os progressos que já realizamos nessa área.

"Para você ter uma ideia aproximada do que acontece nesses cultos, quando um indivíduo se apresenta para ser *preparado* como filho-de-santo de algum orixá, é exigido dele que se recolha por um período, mais ou menos longo, numa *camarinha*, espécie de cômodo onde ele fica recluso, conforme a nação do Candomblé, ou seja, Gêge, Kêtu, Angola ou outra. Durante o período de reclusão, o filho-de-santo vai estreitando os laços fluídicos com o elemento dominado por seu Orixá, ou seja, se for Oxóssi o orixá do filho, ele assimila o

magnetismo das folhas e matas, pois, no Candomblé, Oxóssi é considerado o responsável por essa parte da natureza, e assim por diante; se for Oxum, assimila as energias das fontes das águas doces; se Iemanjá, das águas salgadas, embora seja isso muito deturpado nos terreiros que mantêm tais rituais. Passado o período que o culto exige, é realizada a raspagem do cabelo para se fazer a parte final. Apanha-se uma pedra, que nesses cultos é chamada de otá, por processos normalmente conhecidos pelo pai ou pela mãe-de-santo. A força correspondente ao orixá é magnetizada nesse otá e na cabeça do filho-de-santo, e, em alguns casos, é feita uma pequena abertura no alto da cabeça, mais ou menos no lugar que corresponde ao chacra coronário. Aí é fixada a força do santo ou orixá, que passa a ter domínio sobre quem se submete a ele. Mas o que nem todos sabem é que, quando se realiza a matança de animais e se derrama o sangue sobre o otá, ou pedra sagrada dos Candomblés, atraem-se energias pesadas e entidades primitivas que se alimentam desse energismo primário, como vampiros. À medida que, mensalmente, se vão alimentando essas entidades com energias animalizadas e fluido vital de animais sacrificados, vai-se criando um elo mais forte entre o filho do orixá e essas forças astrais que se utilizam de tal energia. Estreita-se o laço de união e a dependência entre ambos, criando-se uma egrégora doentia, mórbida e de baixíssima vibração, que cada vez mais quer ser atendida em seus pedidos grosseiros. Tem início aí a magia negra, com seus rituais sombrios que têm feito muitas vítimas pelo mundo afora.

"Mas o processo não termina aí. Quando o tal filho-de-santo desencarna, encontra-se prisioneiro dessas entidades que se manifestavam como santos ou orixás; passa a ser presa deles nas regiões pantanosas do além-túmulo. Em processos difíceis de descrever, inicia-se um intercâmbio doentio de energias entre os dois, e posso lhe afirmar, se não fosse pelos caboclos e pretos-velhos, auxiliados pelos guardiões na tarefa abençoada de resgatar esses filhos, dificilmente os pobres se veriam livres da simbiose espiritual que lhes infelicita a existência deste lado da vida. Às vezes por anos ou séculos, mantêm-se prisioneiros nas garras de entidades perversas e atrasadas, que, quando encarnadas, alimentaram com o sangue de animais inocentes e outras exigências esdrúxulas de espíritos que deles se aproveitavam. Os pântanos dos subplanos astrais se encontram cheios de criaturas que são vampirizadas por maltas de espíritos alimentados nos ebós e despachos realizados em matas,

cachoeiras e encruzilhadas da Terra. Choram amargamente ou têm seus túmulos constantemente visitados e desrespeitados por essas entidades, com quem na vida física compactuaram. Por aí você pode ter uma ideia do trabalho que os pretos-velhos e os caboclos da Umbanda têm para o resgate dessas almas infelizes. É uma tarefa que muitas vezes os nossos irmãos kardecistas não podem realizar, pois trabalham com fluidos mais sutis e desconhecem certos segredos ou certos detalhes que envolvem os dramas de filhos, pais e mães-de-santo desencarnados, ou seja, somente quem já teve experiência nessa área poderá ajuizar melhor e socorrer mais eficazmente esses irmãos sofredores.

— Mas será que tais pais e mães-de-santo não sabem do risco que correm permanecendo nesse procedimento?

— Julgam-se donos da verdade e tentam se enganar ou a outros, que são protegidos, que têm a cabeça *feita* e, por isso mesmo, não receiam o que possa lhes acontecer. Enganam-se redondamente. Só mais tarde, quando aportarem neste lado da vida, é que verão a sua triste realidade e buscarão ajuda. Chorarão amargamente. Mas, quando lhes foram faladas verdades espirituais, por parte de um simples preto velho ou caboclo da nossa Umbanda, julgaram ignorância ou falta de preparo e continuaram envolvidos em seus sistemas de trabalho, até que a dor abençoada os despertasse mais tarde para a situação real de suas almas.

— Você falou que algumas vezes os espíritos que se alimentaram do sangue dos animais sacrificados continuam, após a morte desses pais e filhos-de-santo, a sugar suas energias na sepultura. Como se dá isso?

— É claro que entidades venerandas e esclarecidas não precisam de sangue e oferendas para realizar suas tarefas espirituais. Portanto somente aqueles que não se libertaram das situações grosseiras e do atavismo secular que os mantêm ligados a essas energias primárias é que se sintonizam com tais práticas. O filho, o pai ou a mãe-de-santo vão alimentando essa energia com sacrifícios, bebidas e ebós, criando a dependência dessas entidades, que, quando se veem privadas do alimento ou do plasma do sangue do sacrifício, dos despachos de onde tiravam os fluidos animalizados para satisfazerem-se, procuram-no em local mais propício. Quando desencarnam seus alimentadores (seus filhos, como eram chamados), essas entidades passam a frequentar sua sepultura e não raras vezes, permanecem ligados aos despojos carnais em

putrefação, quando são literalmente vampirizados por aqueles a quem serviam em vida. São perseguidos então, e seus restos mortais passam a ser o repasto dessas entidades que antes consideravam *santos* ou *escoras*. Na verdade, trata-se do que erroneamente se chama de exus, mas que são na realidade, quiumbas disfarçados, espíritos grosseiros e atrasados, ligados a essas almas infelizes.

— Mas e os mentores dessas pessoas, será que não podem interferir nesse processo para alertá-los ou libertá-los?

— Isso já tentam há muito tempo, mas, como se deve respeitar o livre-arbítrio de todos, esperamos que no momento adequado estejam preparados para ouvirem os apelos santificantes do Alto, ou de Aruanda. Eles têm, na Terra, as vozes da Umbanda e as orientações do Espiritismo, mas, se não quiserem ouvi-las, somente os séculos de dores e sofrimentos em futuras reencarnações, ou nos pântanos do mundo astral, é que farão com que acordem. Até lá, continuemos trabalhando, confiando no Pai Maior.

Euzália foi muito esclarecedora, e tanto sua lição de vida como suas elucidações sobre o assunto fizeram-me parar para pensar em quanto a Umbanda, a verdadeira Umbanda, tem realizado e tem a realizar por essas almas equivocadas. Euzália convidou-me a uma prece, e pude ver, rolando em sua face, duas lágrimas disfarçadas, duas pérolas de luz que certamente caíam em lembrança dos sons dos tambores de Angola, que ficaram no passado distante. Agora restava o futuro, o trabalho, a esperança nas luzes de Aruanda.

12

Novos tempos

DONA NIQUITA continuou a frequentar a tenda, pois se sentia muito à vontade e satisfeita com as tarefas que realizava na casa singela de Euzália. Ione "desenvolveu" sua mediunidade e trabalhava como médium sob a orientação umbandista, e Erasmino, bem, Erasmino partiu para o estudo, muito embora ele o fazia por medo de que tudo voltasse a ser como antes. Começou a ler os livros espíritas e, sempre que podia, ia a alguma reunião pública de certa casa espírita na capital paulista, sem, contudo, querer mais comprometimentos com a causa.

Certo dia, descobriu que seu companheiro de trabalho era espírita e começou então um período longo de perguntas, de curiosidades e de satisfação com as verdades que descobria.

Em casa, tentava convencer a mãe de que tudo que havia passado era coisa da cabeça dele e que a Umbanda era "baixo Espiritismo", coisa de gente atrasada.

A mãe, silenciosa, continuava com suas rezas e, às vezes, ia ao centro espírita para agradar o filho, mas guardava suas raízes nos ensinamentos sagrados da Umbanda, como costumava falar. Permanecia em silêncio.

Certo dia, Erasmino, numa conversa com seu amigo Paulo César, quis saber por que os espíritos superiores permitiam a existência do que ele chamava de "baixo Espiritismo". Teve a sua resposta:

— Acredito, meu amigo, que, primeiramente, é falta de caridade referirmo-nos a nossos irmãos de maneira pejorativa; depois, seria ignorância nossa classificar a Umbanda como sendo uma parte do Espiritismo. Nada tem a ver uma coisa com a outra. Umbanda é Umbanda, e o Espiritismo continua

sendo o Espiritismo. Temos algo em comum, é o desejo de servir, de sermos úteis ao mesmo Senhor, embora adotemos formas que, na aparência, são diferentes, mas, no fundo, se integram na ação fraterna.

"O Espiritismo é a doutrina codificada por Allan Kardec e inaugurada na Terra em 18 de abril de 1857, na França. Tem por objetivo estudar as leis espirituais que regem os dois mundos, de encarnados e desencarnados, estabelecendo, em bases de sólida moral, os princípios superiores da vida. É a Doutrina Consoladora e visa ao despertamento do homem, à sua descoberta interior, ao despertar e à iluminação de sua consciência, mas isso não nos dá o direito de nos referirmos aos outros companheiros de jornada como sendo uma expressão "baixa" de nossa doutrina. Mesmo porque o termo Espiritismo foi criado por Allan Kardec para referir-se à Doutrina dos Espíritos, codificada por ele, e, embora a Umbanda seja uma religião de caráter mediúnico, não é Espiritismo, nem alto e muito menos baixo, assim como não podemos dizer que Umbanda e Candomblé sejam a mesma coisa".

Erasmino, sem graça, tentou consertar o que dissera, dando curso à conversa e perguntando desta vez:

— Mas por que todos falam "tenda espírita de Umbanda tal" ou "médium espírita umbandista tal", referindo-se, dessa forma, ou à Umbanda ou aos seus médiuns?

Respondendo, Paulo disse-lhe:

— A palavra *espiritismo* foi criada, como lhe disse antes, para referir-se à Doutrina dos Espíritos, codificada por Kardec; no entanto, aqui, no Brasil, talvez por falta de orientação, as pessoas tomaram emprestado o termo "Espiritismo" e passaram a designar toda manifestação mediúnica ou que julguem mediúnica, embora não o seja como Espiritismo. A confusão se estabeleceu por causa da desinformação por parte do povo, que, devido à divulgação da Doutrina Espírita no Brasil, aproveitaram e tentaram unir as duas expressões, Umbanda e Espiritismo, embora sejam distintas uma do outra. Por exemplo, posso lhe dizer, meu caro, com todo o respeito que tenho pelos nossos irmãos umbandistas, que a Umbanda é uma religião que guarda muitos elementos ritualísticos, próprios do seu culto, utilizando-se os seus médiuns de roupas brancas, como uniformes, de colares, em alguns casos, banhos de ervas, defumadores e todo um instrumental, para canalizar as energias psíquicas no trabalho que realizam. No Espiritismo, no entanto, não temos nenhum ritual,

nem roupas brancas, velas, banhos e nenhuma outra forma externa de culto. Prima-se, no Espiritismo, pela simplicidade absoluta. Se você encontrar, algum dia, alguma casa ou centro que diz ser espírita, mas continua utilizando ritual ou não se encaixa na característica da simplicidade, que encontramos nos livros da Codificação, poderá ser qualquer outra coisa, menos Espiritismo, mesmo que seus dirigentes digam o contrário.

"Existem muitos centros que utilizam métodos próprios, com rituais, uniformes e um monte de outras coisas com objetivos os mais variados; mesmo que sejam bons, não refletem a natureza dos princípios espiritistas. São respeitáveis em seus propósitos, mas, se teimam em agir contrariamente às orientações de Allan Kardec, caracterizam-se como espiritualistas, mas não espíritas.

"Mas por isso não podemos falar de nossos companheiros umbandistas. Embora ambos trabalhemos com expressões do mundo espiritual, os seus métodos diferem dos nossos, pois não se baseiam nos ensinamentos de Allan Kardec, mesmo que leiam e recomendem os livros espíritas; têm literatura própria, ensinamentos que, em suas bases, refletem as verdades espirituais e, na forma, diferem da maneira como estudamos nos centros e nas fraternidades espíritas. Contudo continuam sendo merecedores do nosso carinho, respeito e amor, os quais devem reger as relações da grande família espiritual."

— É bom esclarecer — continuou Paulo — que a Doutrina Espírita está alicerçada em três pilares inamovíveis, que lhe caracterizam as estruturas doutrinárias: o aspecto científico, que estuda e comprova os fatos, com base em observações criteriosas e utilizando a instrumentalidade mediúnica para devassar as leis que regem o intercâmbio dos dois planos da vida; o aspecto filosófico, que parte dos questionamentos de todos os homens e traz-nos elucidações valiosíssimas quanto à origem, à natureza e à destinação dos espíritos em suas relações com o mundo corpóreo; e o aspecto religioso ou moral, destituído de misticismos, rituais ou qualquer outra expressão externa de um culto organizado, elevando a mente, a consciência, a um estado de expansão e de responsabilidade perante as leis da vida, através da reforma íntima ou da moralização do ser.

Erasmino, agora um pouco transformado, lembrou-se do que ouvira na tenda e resolveu que, se por enquanto não conseguia aceitar a ideia que lhe fora transmitida, por deficiência própria, seguiria calado, respeitaria sua mãe em

suas decisões e estudaria também, com mais método e disciplina. Resolveu modificar-se e, sem querer, seguia o conselho da preta-velha. Estava mudando seu coração.

Continuando a conversa, que se mostrava muito franca e esclarecedora, perguntou a Paulo:

— Existe alguma diferença básica, em termos doutrinários, entre o Espiritismo e as outras religiões? Você poderia me dar alguma orientação a respeito?

— Perfeitamente, meu amigo! — respondeu Paulo — A Doutrina Espírita, sendo o Consolador prometido pelo Mestre Jesus, vem trazer diversas contribuições, em termos doutrinários, para o crescimento moral e intelectual da humanidade. Primeiramente, temos os princípios básicos ou fundamentais, que diferem em muitos pontos de outras confissões religiosas, mesmo as que se dizem espiritualistas.

"O conceito de Deus, por exemplo, sempre foi deturpado em diversas religiões, dando uma ideia mística, antropomórfica ou material da divindade. O Espiritismo inaugurou uma era cósmica, trazendo o conhecimento de Deus como sendo a causa primária de todas as coisas (conforme se encontra estabelecido em O LIVRO DOS ESPÍRITOS na questão número um), expandindo o conceito paternalista de Deus e dando sentido lógico à origem de todas as coisas. Deus deixou de ser um demiurgo, uma divindade pessoal, para ser apresentado como Consciência Cósmica, cuja essência está presente em todas as dimensões do Universo, presidindo à formação e à manutenção de toda a criação, de todos os seres, visíveis e invisíveis. Deus é a causa causai de todas as coisas. Seguindo a lógica insuperável da ideia da existência de Deus, a Doutrina estabelece como consequência natural dessa existência a imortalidade da alma, ponto fundamental de toda a vida universal. É consequência social da imortalidade a lei da reencarnação ou dos renascimentos sucessivos, forma de evolução, que, por sinal, é outro princípio fundamental do Espiritismo, o qual vem a ser confirmado pela ciência. E por falar em ciência, meu amigo, a Doutrina não somente estabelece a verdade da imortalidade da alma, como a prova cientificamente, através da mediunidade, fenômeno psíquico de investigação do mundo espiritual e de suas leis eternas. Dessa forma, os princípios doutrinários vão se desdobrando de maneira lógica e coerente: a razão e o bom senso presidem de forma harmoniosa os postulados

fundamentais dessa doutrina de verdade e amor".

Erasmino sentiu-se mais animado e fortalecido interiormente, notando que algo se modificava em seu íntimo com os esclarecimentos de Paulo, sentiu-se animado em continuar suas pesquisas e seus estudos. Paulo, por sua vez, lançou mais luz sobre Erasmino, indicando-lhe:

— Você sabe que temos, no movimento espírita, que é diferente de Doutrina Espírita, uma literatura de valor inestimável; no entanto, eu aconselho você a começar pelo começo, lendo os livros básicos da Codificação: O LIVRO DOS ESPÍRITOS, O LIVRO DOS MÉDIUNS, O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, A GÊNESE e O CÉU E INFERNO, todos de Allan Kardec. Mais tarde, em desdobramento natural, você irá se inteirando de outros aspectos, que são esclarecidos e exemplificados em outros livros, que temos aos montes. Tenha o cuidado, no entanto, de verificar a seriedade do autor e os valores apresentados. Assim, você estará realmente começando da maneira correta.

Erasmino foi, aos poucos, se modificando. Estudava com mais interesse, anotava suas observações. Aos poucos ia se inteirando e se integrando ao movimento espírita da Capital.

Em casa as coisas realmente melhoraram. D. Niquita já conseguia conversar com Erasmino a respeito de questões espirituais, sem que ele quisesse convertê-la.

No seu interior, continuava com certo preconceito, que fora mais profundamente firmado devido a opiniões de companheiros da Doutrina, que não se esclareciam a respeito. Mas, sempre que podia, Paulo César, seu amigo, dava-lhe algumas lições de fraternidade.

Em certa conversa com Paulo, resolveu perguntar a respeito dos métodos de trabalho com os espíritos. Paulo, sempre de boa vontade, explicou-lhe:

— As casas espíritas normalmente adotam reuniões públicas, nas quais as pessoas são esclarecidas a respeito dos princípios básicos da Doutrina. Nessas reuniões são ministrados ensinamentos evangélicos, que auxiliam no equilíbrio psicofísico do indivíduo, além dos passes, que são transfusões de energias vitais destinadas a limpar a aura, refazer as forças e auxiliar em tratamentos daqueles que necessitem.

"Para intercâmbio com os espíritos, são realizadas reuniões privativas, sem assistência, nas quais os companheiros desencarnados que estejam em

situações conflitantes ou aflitivas são encaminhados ao tratamento espiritual. São as chamadas reuniões de desobsessão ou de terapia espiritual. Muitos centros adotam outras reuniões, de caráter privativo, como a de educação mediúnica, na qual os médiuns são preparados para o intercâmbio entre os dois lados da vida, e reuniões de tratamento ou as chamadas de reuniões de cura, destinadas a cirurgias espirituais ou a passes magnéticos. Conforme o compromisso de cada casa espírita, são criadas reuniões especializadas, mas todas devem obedecer aos princípios da Codificação Espírita, com simplicidade, sem rituais ou outras formas exteriores de culto. O culto espírita é o do coração, da razão e do trabalho constante no bem".

Erasmino, com o tempo, foi integrando-se aos trabalhos de certa casa espírita. Realizou diversos cursos, como o de Aprendizes do Evangelho, o Curso Básico de Espiritismo e o de Educação Mediúnica, ministrados na casa espírita que frequentava. Aprendeu muito e integrou-se a caravanas de auxílio aos necessitados, fazendo visitas a hospitais, creches e asilos. Realmente estava modificado. Pelo menos, era o que pensava, o que dizia, o que desejava. Mas a reforma é obra de toda uma vida, e não de apenas algumas decisões. É necessário perseverança e disciplina, o que se aprende com o tempo e muito trabalho.

Erasmino mostrou-se, com o tempo, um excelente doutrinador; tinha a palavra fácil e a agilidade para conversar com os desencarnados. Conhecia agora a Doutrina Espírita e não se fazia de rogado quando aparecia uma tarefa para fazer. Integrou-se, dessa maneira, a um grupo mediúnico. Fora indicado pelo mentor da casa como doutrinador.

Encontrava-se satisfeito, tranquilo intimamente; no fundo, depois desse tempo todo, havia esquecido da Umbanda, de Pai Damião e de Vovó Catarina. Eram novos tempos. Novos trabalhos.

Mas, no plano espiritual, a tarefa começada, um dia, na tenda de Pai Damião e Vovó Catarina, não havia chegado a termo, embora o tempo houvesse passado. Os bondosos espíritos haviam procurado o concurso da casa espírita onde agora Erasmino estava se integrando e para lá conduziram o antigo verdugo do nosso irmão, a fim de ser esclarecido. E como a vida nos dá lições belíssimas e preciosas em suas voltas tortuosas...

13

Reencontro com o passado

ACHAVA-SE Erasmino, certo dia, num trabalho mediúnico, quando deparou com um companheiro de difícil doutrinação. Passaram-se meses e meses, e não conseguia definir a problemática do companheiro espiritual que visitava aquela reunião espírita. Apesar de todos os seus argumentos não conseguia convencê-lo de sua situação espiritual. Orou, orou e rogou recursos do Alto. Mas a doutrinação prosseguia, fatigante, arrastando-se por vários meses. Passou um ano, e o espírito não desistia de seu intento.

— Meu irmão, me conte o que o leva a tamanho ódio contra o companheiro que você diz perseguir. Não terá você, porventura, falhado igualmente em seu passado espiritual? Diga-me, por Deus, qual o nome desse infeliz a quem você persegue? O que lhe fez o coitado?

Entre gargalhadas e deboches, o espírito permanecia preso às recordações do passado, ao ódio e ao desejo de vingança.

— Você não sabe o que ele me fez — falava a entidade. — Ele não merece ser ajudado.

— Então, conte-me o que lhe fez esse companheiro, meu irmão!

— Meu irmão, que nada! — respondia o comunicante — Você nem imagina como sofri nas mãos do celerado. Encontrávamo-nos em situação invejável em país da Europa — começou a falar o obsessor. — Eu era pai de três lindas meninas, e ele, o infeliz, repartia comigo o trabalho, que nos rendia imensa fortuna. Ninguém desconfiava do que fazíamos. Ele era jogador afamado e, certo dia, depois de apostar tudo que tinha, correndo risco no jogo, perdeu a fortuna; vendo-se em desespero, começou a arquitetar um plano diabólico para recuperar-se do ocorrido.

"Traficávamos escravos para terras longínquas e nem nos importávamos com a desdita daquelas bestas. Mas eu não sabia da desgraça que estava para se abater sobre a minha família. O famigerado, que se dizia meu amigo, aproveitou uma viagem que fiz para outro país e fez negócio com um rico senhor que partia para além-mar. Enganou minha mulher e minhas filhas e, a pretexto de levá-las até onde eu estava, vendeu-as ao senhorio, que o admitiu também na tripulação da caravela".

Quanto mais o espírito falava, mais Erasmino parecia transportado à história. Visualizava as cenas da desdita do espírito comunicante. No fundo, passou a compreender o seu desejo de vingança. O espírito continuava a narrativa:

— Só mais tarde, no navio, minha mulher surpreendeu uma conversa entre os dois negociantes da infelicidade alheia e acordou para o acontecido. O senhorio tentou a todo custo romper as defesas morais de minha mulher e da filha mais velha; não conseguindo, depois de todos os esforços que empreendeu, entregou-as à tripulação da caravela para que abusassem delas. Seu sofrimento deve ter sido infinito, até que morreram, depois de noites e noites de sofrimentos morais nas mãos daquela corja de homens estúpidos e marginais. Minhas outras duas filhas foram vendidas como escravas e cortadas as suas línguas, para evitar que falassem. Uma delas quase veio a morrer, não fosse a bondade de uma negra, que a salvou da situação, dando-lhe algumas ervas para mastigar, o que lhe aliviou as dores. As duas se consolavam, pois ambas eram prisioneiras. Ocorre que uma era negra, e a outra, branca, mas inutilizadas com a desgraça que lhes sobreveio.

"Quando eu soube do acontecido, quase morri de desgosto. Desfiz-me de tudo que me restava para sair à procura de minha família. Era o fim para mim. O desgraçado escapou, e jurei vingança. Só quando morri é que fui descobrir toda a verdade a respeito e comecei a perseguir o infeliz. Contratei outros espíritos para me ajudarem em minha sede de vingança, e agora você intenta me demover de meus objetivos".

O espírito contava a sua vida, e todos o ouviam com imenso respeito pela dor do companheiro que sofria há séculos, pelo ódio que trazia no coração. Erasmino emocionou-se ao extremo e pediu socorro aos imortais quanto ao caso, pois se encontrava impotente para dar conselho ao irmão sofredor. Sua dor era realmente procedente. Como falar-lhe, demovê-lo da vingança cruel, se

ele mesmo, sendo o doutrinador, estava condoído da situação? Gostaria intimamente de saber quem era aquele que promovera tamanha desdita na vida de uma família. Quem poderia ser o celerado que tanta desgraça espalhou ao longo do tempo?

Rogou ao Alto o recurso necessário para continuar a doutrinação, quando se manifestou uma entidade numa das médiuns da casa, a qual falou amorosa:

— Meus filhos, Deus abençoe-nos os esforços de trabalho no bem. Muitas vezes, em nossas experiências transatas, temos semeado a dor e a maldade pelos caminhos por onde andamos. Temos aprendido os conceitos do Eterno Bem, mas não os vivemos e, mesmo depois de séculos de experiências dolorosas, continuamos a abrigar em nosso íntimo os desejos inconfessáveis, a violência disfarçada e os fantasmas da intolerância e do preconceito, os quais, no passado, foram motivo de quedas dolorosas. É hora de refazermos nossas pegadas nas areias do tempo. É hora de recomeçarmos nossa jornada sem nada perguntarmos, sem nada exigirmos da vida, mas doando-nos em tarefas de amor e de paz. Semeemos as sementes da bonança e aprendamos a perdoar incondicionalmente, até que nossas almas tenham aprendido o significado do verbo divino: amar.

Várias e várias vezes havia se repetido a visita do companheiro espiritual, e a história que ele contava se desdobrou em mais duas encarnações, nas quais ele se vira vítima da mesma pessoa e em circunstâncias semelhantes. Sempre a mesma entidade orientadora estava presente no final da comunicação, dando suas lições preciosas de amor e fraternidade. Certa vez, um dos médiuns presentes na reunião conseguiu ver os reflexos luminosos em que se envolvia o elevado comunicante espiritual e descreveu a cena, com emoção que contagiou a todos. Era um espírito muito elevado e parecia estar ligado ao doutrinador, que era Erasmino. Ele sentiu-se satisfeito com a presença espiritual, mas não conseguia tirar da cabeça o caso do companheiro sofredor, que há mais de um ano visitava a reunião mediúnica, sem que ele conseguisse por termo ao caso. Além disso, Erasmino fixou na mente que gostaria de conhecer o responsável por tamanha desdita da criatura. Deveria ser alguém que, embora encarnado, destilasse veneno e ódio; talvez, identificando-o, poderia prevenir quem estivesse envolvido com ele, evitando que fizesse novamente, no presente, o que fizera no passado com aquela entidade que se

manifestava.

O tempo foi passando, e a história desdobrava-se nas palavras do espírito comunicante, que, a cada mês, trazia um aspecto mais aterrador do drama que vivera. O doutrinador já estava comovido ao máximo com o caso e aprendera a amar profundamente o comunicante sofredor. Já não conseguia dormir direito, agora sonhando com as cenas de desespero no navio, a morte da filha e da esposa do companheiro e o destino infeliz da outra filhinha dele. Orava cada vez mais insistentemente, pedindo ao Alto que o auxiliasse, revelando-lhe o causador de tamanha desgraça. Queria conhecê-lo de qualquer maneira.

Resolveu então pedir a ajuda da elevada entidade que, sempre após a comunicação do infeliz espírito, vinha em auxílio para trazer o lenitivo, através de mensagem confortadora.

Certo dia, durante a reunião de doutrinação ou desobsessão, Erasmino teve uma oportunidade de conversar com o elevado mensageiro. Ele lhe disse que lhe daria a oportunidade que pedira na próxima reunião, mas que continuasse em prece, pois seria necessário muito equilíbrio para continuar seu trabalho após a revelação. Todos estavam na expectativa. Prepararam-se intimamente, e nunca a reunião se mostrou tão produtiva quanto naquela noite. O espírito comunicante disse que não voltaria mais e que estava agora aliviado por poder contar a sua história. Não havia mais rancor em seu coração, pois um espírito elevado o havia esclarecido a respeito de muitas questões que ignorava. Todos choravam, pois aprenderam a amar aquele irmão. Erasmino estava profundamente abalado pela comovente história que acompanhou durante mais de um ano. Chorava de emoção, quando resolveu perguntar ao companheiro que se despedia se ele poderia identificar o causador de todo o seu mal, da sua infelicidade. O companheiro olhou para o doutrinador e perguntou:

— Você quer mesmo saber de quem se trata?

— Sim, meu irmão; afinal, nós estamos encarnados, e ele, também. Será de muita utilidade que saibamos, para que possamos ajuizar melhor e até, quem sabe, prevenir quem de direito, para evitar que tal pessoa repita com outro o que fez com você em mais de uma encarnação.

— Mas eu mudei, meu senhor, acho que não devo falar mais sobre isso.

— Eu insisto, meu irmão, eu insisto, por favor...

O espírito, através do médium que lhe dava passividade, respirando fundo, disse para Erasmino:

— Foi você, meu senhor! Foi você!...

E retirou-se do médium para não mais voltar àquele núcleo de atividades.

Erasmino ficou semiparalisado com a revelação. Todos ficaram boquiabertos, mas o trataram com muito carinho e deram-lhe o apoio necessário para que superasse o choque. A reunião terminou, e Erasmino retomou ao lar com a ajuda de companheiros. Por alguns meses não voltou à casa espírita. Estava realmente abalado com o que ouvira. Desejou tanto saber a verdade a respeito do passado daquele espírito e, quando soube que fora ele o causador de tamanha desgraça, abalou-se profundamente. Abateu-se o seu espírito. Precisava repensar a sua vida. Pensou que estava tudo resolvido a respeito de si, e agora o passado viera à tona novamente. Não sabia o que fazer. Estava verdadeiramente perdido. Trazia uma cota de culpa, um processo mal resolvido de seu passado espiritual. Embora o espírito o houvesse perdoado, não se perdoara ao longo do tempo. Cobrava-se intimamente, inconscientemente. O passado rompia a proteção benfazeja do tempo e ressuscitava. As reuniões mediúnicas foram uma espécie de psicoterapia espiritual, só que ele também estava sendo tratado, e não apenas o perseguidor, que, afinal, se mostrou o perseguido. Quanto a este, tinha se libertado da situação, aprendera a perdoar. E Erasmino? Será que se perdoaria?

Para isso a Doutrina Espírita oferecia imensos recursos. É uma doutrina de otimismo, uma doutrina que, além de ofertar oportunidades e possibilidades imensas, esclarece quanto a determinados problemas do destino, da vida e do sofrimento. Traz a resposta para todas as dúvidas e proporciona ilimitados métodos de refazimento, pela dignificação da vida, pela valorização das experiências, pela expansão da consciência espiritual. Dependia de Erasmino qual atitude tomar ante os acontecimentos. Precisava refletir intensamente.

14

As estrelas de Aruanda

PAULO entrou em cena novamente, convidando-o para ir a uma reunião mediúnica na qual teriam a oportunidade de ouvir a palavra de elevado mentor da Vida Maior, que lhes falaria, no dia seguinte, na sede da casa espírita. Depois de muito relutar, Erasmino cedeu ao convite de Paulo, e, no outro dia, partiam rumo ao centro. Após alguns meses afastado das atividades, Erasmino foi recebido com muita alegria e afeto por parte dos trabalhadores da casa. Todos se confraternizaram com ele. Estava mudado. Muito mudado. Mais manso, mais humilde e pensativo; perdera aquele porte altivo e abater-se intimamente. Agora mostrava-se mais comedido em suas palavras, em seus posicionamento pessoais. Levara consigo a mãe querida, que sempre estava ali presente para auxiliá-lo como e quando necessitasse. Quando ia iniciar a reunião mediúnica, pediu a ela que esperasse do lado de fora até que terminasse, pois a reunião era fechada, e sua mãe não participava das atividades da casa. Portanto, não poderia entrar. Ela ficou num banco na recepção e não se importou com a situação. Permaneceu em prece ao seu Pai Maior, pedindo pelo filho amado.

Minutos depois, a porta se abriu e foi chamada a entrar. Assustou-se com o chamado, mas entrou e foi conduzida a uma cadeira ao lado do filho. Um espírito se manifestou à vidência de um dos médiuns da casa e pediu que a chamassem. Leram uma página de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. Depois de alguns comentários, fizeram as preces e colocaram-se todos à disposição da espiritualidade amiga. Ouviram as mensagens esclarecedoras do mentor da casa e de vários outros companheiros, e, a seguir, o próprio mentor falou:

— Estamos hoje recebendo a visita de elevada entidade do Plano Superior. Dentro das possibilidades teremos a sua palavra amiga; gostaria que todos a gravassem na intimidade de seus corações.

Preparando-se para a visita sublime, todos se irmanaram nas vibrações, para propiciar clima psíquico adequado para o visitante.

O ambiente extrafísico estava envolvido em suave luminosidade azulínea com reflexos dourados, e fluidos balsamizantes caíam sobre todos, emocionando-os com as vibrações amorosas. Erasmino sentiu a aproximação da entidade elevada e entregou-se às suas irradiações dulcíssimas. Reconhecia que era o mesmo espírito que se manifestava num médium da Casa, ao findar das reuniões de desobsessão que ele dirigira antes. A elevação do ambiente era perceptível a todos. A suavidade da entidade levou os médiuns a tal estado de elevação da consciência que eles se sentiram realmente em estado de êxtase. Todos esperavam que a entidade se manifestasse através do médium que recebia as orientações do mentor da casa. Os médiuns videntes puderam vislumbrar réstias de luz do Espírito comunicante. Mas a entidade superior passou pelo médium que julgavam o mais adequado para a comunicação e dirigiu-se para perto de Erasmino. Mas, afinal, ele nunca dera passividade. Não poderia ser ele.

Envolvido em intensa luz, Erasmino deixou-se ficar sob a proteção do visitante das esferas mais altas. Todo o ambiente estava preparado; os médiuns e o dirigente da mesa mantinham a vibração em harmonia.

Leve tremor percorreu o corpo de Erasmino, e seu semblante foi aos poucos modificando-se com o envolvimento espiritual. Perdeu a consciência de si mesmo e foi transportado em desdobramento a uma região belíssima do Plano Superior.

Era uma cidade de flores. Rios e cachoeiras estavam convivendo perfeitamente com as construções singelas, enfeitadas por trepadeiras e flores perfumosas. Era um vale profundo, rodeado de montanhas altaneiras e verdejantes. O ar trazia o perfume de rosas e alfazemas, balsamizando o ambiente espiritual, que estava cintilando com os reflexos de formoso arco-íris, que enfeitava o céu de um azul intenso. Tudo era harmonia. Tudo era belo.

As construções pareciam haver sido estruturadas em material semelhante a cristal. E as cachoeiras e rios e lagos pareciam refletir a beleza do Éden. Mas não era o Éden.

Crianças de todas as raças corriam pelo vale em alegria indizível. Espíritos operosos pareciam se ocupar com atividades as mais diversas, e caravanas chegavam e partiam em direção à Crosta, levando bálsamo e consolo, lenitivo e esperança.

Alheio ao que se passava na reunião mediúnica, Erasmino deixou-se envolver naquele clima superior de imensa beleza e paz. Afinal, era seu primeiro desdobramento inteiramente consciente. Queria aproveitar e retemperar-se nos fluidos balsamizantes da colônia de espíritos bondosos. Aproximou-se dele um Espírito de uma mulher de feições belíssimas e de cor negra; uma aura suave a envolvia. Erasmino perguntou-lhe:

— Minha irmã, por favor, poderia me dizer onde me encontro? Em que região paradisíaca estamos? Porventura, é alguma região de *Nosso Lar*?

O Espírito sorriu-lhe e, na alegria que lhe era peculiar, disse-lhe:

— O *Nosso Lar*, meu filho, é tudo isso aqui, onde Deus nos abençoa com o seu amor e com o trabalho do bem. Você veio visitar-nos; queremos que seja bem-vindo e se sinta em casa. Este é o lar de nossos antigos afetos. Você está em Aruanda, a terra do infinito.

Na Terra, no ambiente da reunião mediúnica, ninguém desconfiava do desdobramento de Erasmino. Ao cabo de alguns segundos após o envolvimento de intensa espiritualidade, a entidade superior acionou as cordas vocais do médium Erasmino e falou com a simplicidade dos grandes espíritos:

— Deus seja louvado, meus filhos! Saravá os filhos da Umbanda e saravá os trabalhadores do nosso Pai Oxalá...

Vovó Catarina, a nossa querida Euzália, agora, falava por intermédio de Erasmino. Para espanto de todos, a preta-velha deu a maior lição de moral que todos haviam escutado nesses anos todos de atividades mediúnicas numa casa de orientação kardecista; na singeleza de sua linguagem, deu o seu recado, enquanto Erasmino/Espírito estava retemperando-se em meio às estrelas, nos céus de Aruanda. A partir daquele dia, contou aquele agrupamento com o apoio de mais uma mensageira do Senhor. Embora alguns achassem diferente o seu palavreado, numa coisa todos concordavam: sempre que as coisas estavam difíceis, sempre que precisavam, a bondosa entidade, desafiando as pretensões de muitos que se julgavam os donos da verdade, estava ali, pronta para auxiliar, disposta a servir em nome do Eterno Bem.

Erasmino, agora de volta às atividades, recebia com carinho as

vibrações da elevada companheira espiritual, enquanto permanecia atento, estudando e defendendo os princípios espíritas, conforme codificados pelo insigne mestre Allan Kardec. Mas não ignorava o que ouvia na acústica de sua alma — o hino que lhe repercutia no espírito:

Vovó não quer casca de coco no terreiro...
Vovó não quer casca de coco no terreiro...
Só pra não se lembrar dos tempos do cativeiro...
Só pra não se lembrar dos tempos do cativeiro.

Era o cântico dos antigos escravos com os toques cadenciados dos tambores de Angola.

15

Dança das luzes

APÓS as atividades a que eu me dediquei, guardava na alma os ensinamentos simples daquelas almas elevadas. Não existia em minha alma nenhum resquício de preconceito. Aprendi que, no trabalho do bem, ninguém detém a verdade absoluta e para tudo existe uma explicação.

As atividades dos nossos irmãos que se apresentam como pretos-velhos, caboclos ou sob outras formas perispirituais, devem ser analisadas com mais carinho. Sua roupagem fluídica pouco importa, diante dos fatores morais. Aprendi que, mesmo me afinizando com as tarefas realizadas num centro de orientação espírita, não poderia desprezar aqueles irmãos que tinham tarefas em outros campos espirituais.

Meditava a respeito dessas questões quando o meu mentor aproximou-se de mim falando:

— Ângelo, acredito que agora você está apto a estudar com maior clareza outras manifestações da religiosidade do nosso povo. As lições de fraternidade estão firmes em seu espírito.

— E agora eu sei que no universo nada é absolutamente igual. Podemos estar a serviço do Pai mas podemos também estar trabalhando de formas diferentes, em departamentos diferentes, mas levando a mesma bandeira: o amor e a caridade, com o respeito por aqueles que não pensam como nós, mas trabalham para o mesmo Senhor.

A noite estava radiante, quando a observávamos da nossa colônia espiritual. Éramos felizes por participar de todas essas oportunidades que a bondade de Deus nos concedia. As estrelas salpicavam o céu, convidando-nos a refletir nas lições da vida.

Um cometa rasgava o espaço em direção a outras regiões do infinito.

— Veja, Ângelo, acompanhe a rota deste cometa — falou o bondoso mentor.

— Creio que, mesmo para um desencarnado em minhas condições, é difícil acompanhar por muito tempo o roteiro de luz da natureza. Minha visão espiritual já está um tanto dilatada, mas mesmo assim...

— Vamos, Ângelo, volitemos em direção à luz — convidou-me o companheiro espiritual.

Tomando-me pela mão, conduziu-me a regiões mais elevadas que a nossa, acompanhando o rastro luminoso do cometa, que agora se apresentava aos nossos olhos espirituais como uma estrela de intensa luminosidade. Fomos subindo, subindo, até que eu não podia mais acompanhar o meu amigo espiritual rumo a esferas mais sutis, superiores. A estrela ascendia cada vez mais, e agora eu só poderia prosseguir com o impulso mental do meu mentor.

As regiões espirituais que agora eu estava observando eram totalmente diferentes do nosso plano. Parecia que uma música suave irradiava de todas as direções. Indizível alegria se apossava de meu espírito. Não compreendia como um simples cometa ou uma simples estrela pudesse atravessar as barreiras das dimensões e se dirigir para as alturas vibracionais.

Agora não podíamos acompanhar mais o seu rastro. Paramos nossa volitação em um posto dos planos mais elevados, nas regiões espirituais. O mentor amoroso apontava-me a direção em que o cometa rasgava o espaço espiritual, dirigindo-se a outras dimensões.

— Daqui não podemos passar, meu amigo, Ângelo. Entretanto, acompanharemos o percurso luminoso desse astro errante da espiritualidade.

— Quer dizer então que não é um simples cometa que estamos observando? — perguntei, num misto de espanto e curiosidade.

— Sim, meu filho, é um cometa, um astro, uma estrela ou como você quiser denominar. Não importa a forma como descrevemos. É uma luz que não podemos mais acompanhar com nossos próprios recursos. Já estamos muito distantes vibratoriamente de nossa colônia espiritual e não detemos ainda possibilidades de escalar outros planos mais sutis. Resta-nos observar, de longe, a chuva de estrelas.

Calei-me sem entender o que o companheiro espiritual estava querendo dizer. Se ele que era mais elevado não conseguia ir além, quem diria

eu, espírito muito endividado, que me fazia de repórter do além, escrevendo para o correio dos mortais.

— Observe, Ângelo — falou, apontando na direção da luz astral do cometa, que a esta hora estava irradiando várias cores.

Outras luzes vinham ao encontro daquela que observávamos. Parecia que vários cometas faziam uma dança sideral, um em torno do outro. Eram luzes irmãs da luz que nós acompanhamos.

— Afinal, qual é o significado de tais luzes, com tamanha beleza? — perguntei.

— É a luz astral de um dos pretos-velhos que tão bondosamente nos atendeu durante a nossa jornada na tenda umbandista. Não podemos segui-lo mais. Sua vibração ultrapassa a nossa e vai além de nossas possibilidades. É a luz da simplicidade, do amor e da fraternidade, das quais somos ainda meros aprendizes. Outras entidades elevadas, como ele mesmo, o recebem, e, em nossa visão espiritual um tanto ainda deficiente, só os percebemos como luzes. Não podemos ainda percebê-los como são verdadeiramente. Por isso, uma dessas luzes espirituais assumiu a forma fluídica de um preto-velho. Somente assim poderíamos percebê-la. Agora, no entanto, está retomando a sua esfera irradiante, quem sabe, para assumir outra missão, em nome do Eterno Bem.

Só agora eu tinha uma noção a respeito das entidades espirituais que assumem certas tarefas em outros planos da vida. Faltava-me ainda muita experiência para compreender os planos de Deus para os seus filhos.

Retornamos à nossa colônia espiritual com a lembrança das esferas superiores, agradecendo, em nossas preces, pela oportunidade que Deus nos havia concedido de conviver, por algum tempo, com as luzes de Aruanda.

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br